

UNIVERSIDADE VILA VELHA-ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**O SKATE NA PRAÇA: AS GERAÇÕES, USOS E
APROPRIAÇÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM
VITÓRIA-ES**

BRUNO KIRMES VIGUINI

VILA VELHA
JANEIRO/2020

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**O SKATE NA PRAÇA: AS GERAÇÕES, USOS E
APROPRIAÇÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM
VITÓRIA-ES**

Dissertação apresentada a
Universidade Vila Velha, como pré-
requisito do Programa de Pós-
Graduação em Sociologia Política,
para a obtenção do título de Mestre
em Sociologia Política.

BRUNO KIRMES VIGUINI

VILA VELHA
JANEIRO/2020

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

V694s

Viguini, Bruno Kirmes.

O skate na praça : as gerações, usos e apropriações de espaços públicos de lazer em Vitória-ES / Bruno Kirmes Viguini, – 2020.
109 f. : il.

Orientador: Diogo Silva Corrêa.

Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2020.

Inclui bibliografias.

1. Sociologia Política. 2. Lazer. 3. Esportes radicais.
I. Corrêa, Diogo Silva. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 306.2

BRUNO KIRMES VIGUINI

**O SKATE NA PRAÇA: AS GERAÇÕES, USOS E
APROPRIAÇÕES DE ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER EM
VITÓRIA-ES**

Dissertação apresentada a
Universidade Vila Velha, como pré-
requisito do Programa de Pós-
Graduação em Sociologia Política,
para a obtenção do título de Mestre
em Sociologia Política.


Aprovada em 31 de janeiro de 2020.

Banca Examinadora:

Assinado eletronicamente

César Pinheiro Teixeira (IFCS-UFRJ)


Pablo Ornelas Rosa (UVV)


Diogo Silva Corrêa (UVV)
(Orientador)

Página de assinaturas

Assinado eletronicamente

Cesar Teixeira
103.529.037-59
Signatário

Pablo Rosa
026.527.899-61
Signatário

Diogo Corrêa
098.083.897-59
Signatário

HISTÓRICO

- 21 jul 2023 20:31:21 Edson Rodrigues Pereira Filho criou este documento. (E-mail: edson.pereira@uvv.br)
- 21 jul 2023 20:31:53 Cesar Pinheiro Teixeira (E-mail: cesarpinheiroteixeira@gmail.com, CPF: 103.529.037-59) visualizou este documento por meio do IP 138.186.41.230 localizado em Mage - Rio de Janeiro - Brazil
- 21 jul 2023 20:31:59 Cesar Pinheiro Teixeira (E-mail: cesarpinheiroteixeira@gmail.com, CPF: 103.529.037-59) assinou este documento por meio do IP 138.186.41.230 localizado em Mage - Rio de Janeiro - Brazil
- 25 jul 2023 14:46:24 Pablo Ornelas Rosa (E-mail: pablorosa13@gmail.com, CPF: 026.527.899-61) visualizou este documento por meio do IP 177.137.232.92 localizado em Vila Velha - Espírito Santo - Brazil
- 25 jul 2023 14:46:52 Pablo Ornelas Rosa (E-mail: pablorosa13@gmail.com, CPF: 026.527.899-61) assinou este documento por meio do IP 177.137.232.92 localizado em Vila Velha - Espírito Santo - Brazil
- 28 jul 2023 19:48:09 Diogo Silva Corrêa (E-mail: dioscorrea@gmail.com, CPF: 098.083.897-59) visualizou este documento por meio do IP 193.52.24.6 localizado em Paris - Paris - France
- 28 jul 2023 19:49:08 Diogo Silva Corrêa (E-mail: dioscorrea@gmail.com, CPF: 098.083.897-59) assinou este documento por meio do IP 193.52.24.6 localizado em Paris - Paris - France



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento
Hash SHA256 do PDF original #64e310549ce48a449def0612922bc8bf4954159e59df050257a695639b4bbe28
<https://valida.ae/b6df9d15210416bb73b2f891c857fe0444b0ad40f7f6c186e>



AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de realizar mais um sonho em minha jornada acadêmica.

Agradeço a minha esposa amada por toda compreensão e apoio nos momentos de estudos e ausências necessários ao processo de estudos e pesquisas.

Agradeço a minha filha Malu que, mesmo sem compreender, foi meu incentivo direto na busca por esta conquista.

Agradeço aos meus pais e sogros pelas diversas formas de auxílio durante minha jornada acadêmica.

Todos os professores que me incentivaram nessa empreitada: Salvador Inácio da Silva, Dirce Maria Corrêa, Teresa Cristina da Silva Rosa, Manuela Blanc e aos incansáveis professores Pablo Ornelas Rosa e Diogo Silva Corrêa que me ajudaram em diversas etapas de minha pesquisa, qualificação e defesa.

E a todos que de certa forma contribuíram para este momento especial em minha vida.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1 – A ONDA DE ASFALTO.....	11
1.1 A cidade de Vitória-ES.....	11
1.2 O Lazer.....	17
1.3 O Skate.....	23
1.4 Cidadão, Cidadino e Cidadania no skate.....	28
1.5 Espaços públicos de lazer.....	31
CAPÍTULO 2 – O SKATE E A SOCIEDADE.....	34
2.1 Proibição da pratica de Skate no Brasil.....	34
2.2 Espaços públicos de lazer para o skate.....	37
2.3 Tribos urbanas, Outsiders e o Skate nas Olimpíadas.....	39
2.4 Apropriações, localismo e sentimentos de pertencimentos.....	43
2.5 O skate nas olimpíadas?.....	47
CAPITULO 3 – O SKATE NA PRAÇA.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	67

RESUMO

VIGUINI, Bruno Kirmes, M.Sc, Universidade Vila Velha-ES, Janeiro de 2020. **O skate na praça: as gerações, usos e apropriações de espaços públicos de lazer em Vitória-ES.** Orientador: Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa

Os esportes de aventura trazem como característica principal os elementos do desafio, do risco e do transgressor e, por isso, sua associação a contracultura, anarquismo e rebeldia são as marcas registradas desses esportes. Tendo sua origem nos E.U.A. o skate nasce de uma alternativa aos surfistas em dias sem ondas. Sua chegada ao Brasil preservou a modalidade “DownHill” que consistia em descer as ladeiras asfaltadas como se fossem ondas. Desde a década de 1960 o skate vem ganhando novos adeptos, novas modalidades e dinâmicas atingindo seu ápice, enquanto esporte, a partir do reconhecimento como esporte olímpico a partir dos Jogos Olímpicos de 2020. Logo as praças, parques, estacionamentos e áreas abertas com pisos de concreto e/ou asfalto se tornaram áreas de prática de uma nova modalidade “street” que utiliza os equipamentos urbanos. Após a fase da proibição, em 1988, na cidade de São Paulo, sob a alegação de ser uma prática insegura, o skate ganhou espaços públicos e privados destinados a sua prática onde alguns praticantes da modalidade entenderam esses espaços como “prisões” e com isso sentiram-se cerceados ao uso dos espaços urbanos públicos. As formas de apropriações desses espaços por parte dos praticantes de skate traziam questionamentos quanto à depredação de equipamentos públicos e/ou privados bem como a discriminação pelo comportamento expresso pelas linguagens, vestimentas e músicas adotadas pelos mesmos, gerando assim um conflito entre as gerações de praticantes de skate nas formas de apropriações desses espaços. Buscando compreender esses conflitos e o quanto ela influencia nas formas de apropriações dos espaços urbanos públicos e/ou privados destinados ou não a prática do skate na modalidade “street” esta dissertação buscou como referencial teórico as discussões sobre o as cidades e os espaços urbanos públicos de lazer; o lazer; a história do skate; conceitos de tribos e grupos identitários bem como trabalhos com temas similares desenvolvidos em outras regiões. Como pesquisa de campo utilizou-se da etnografia através da observação participante com a aplicação de questionários semi estruturados e perguntas abertas utilizando um recorte geográfico compreendido por um circuito que perpassa o centro histórico de Vitória-ES onde dos dados obtidos apontaram para um conflito interno, entre os próprios praticantes de skate, mais expressiva do que os conflitos com outros usuários desses mesmos espaços levando assim à compreensão da existência de um conflito de gerações e das diversas formas de se entender a prática do skate desde um simples hobby perpassando por um estilo de vida até sua prática profissional.

Palavras-Chaves: skate, apropriações, espaços públicos de lazer

ABSTRACT

VIGUINI, Bruno Kirmes, M.Sc, Vila Velha University – ES, January, 2020.
Skateboarding in the square: generations, uses and appropriations of public leisure spaces in Vitória-ES. Advisor: Prof. Dr. Diogo Silva Corrêa

Adventure sports have as their main feature the elements of challenge, risk and transgressor and, therefore, their association with counterculture, anarchism and rebellion are the hallmarks of these sports. Originating in the U.S., skateboarding is born of an alternative to surfers on days without waves. His arrival in Brazil preserved the “DownHill” mode, which consisted of descending the paved hills as if they were waves. Since the 1960s skateboarding has gained new fans, new modalities and dynamics reaching its peak as a sport, from the recognition as an Olympic sport from the 2020 Olympic Games. Soon the squares, parks, parking and open areas with floors. Concrete and / or asphalt have become areas of practice for a new “street” mode that uses urban equipment. After the prohibition phase, in 1988, in the city of São Paulo, on the grounds of being an unsafe practice, skateboarding gained public and private spaces for its practice where some practitioners understood these spaces as “prisons” and with that they felt curtailed by the use of public urban spaces. The forms of appropriation of these spaces by skateboarders brought questions about the depredation of public and / or private equipment as well as the discrimination by the behavior expressed by the languages, clothing and music adopted by them, thus generating a conflict in the forms of appropriation of these spaces. Seeking to understand these conflicts and how it influences the forms of appropriation of public and / or private urban spaces intended or not for the practice of skateboarding in the "street" mode this dissertation sought as a theoretical framework the discussions about the cities and public urban spaces. of leisure; the history of skateboarding; concepts of tribes and identity groups as well as works with similar themes developed in other regions. As a field research, ethnography was used through participant observation through the application of semi-structured questionnaires and open-ended questions using a geographical outline comprised by a circuit that crosses the historical center of Vitória-ES where the data obtained pointed to an internal conflict, among the skateboarders themselves, more expressive than the conflicts with other users of these same spaces leading to the understanding of the existence of a generation gap and the various ways to understand skateboarding from a simple hobby to a style of life to your professional practice.

Keywords: skate, appropriations, leisure public spaces

INTRODUÇÃO

A prática do skate surge na década de 1960 e desde então vem ganhando novos adeptos e, com isso novas modalidades e dinâmicas atingindo seu ápice, enquanto esporte, a partir do reconhecimento como esporte olímpico com estréia nos Jogos Olímpicos de 2020 DaCOSTA (2005).

Ao conquistarem um maior número de praticantes e atletas filiados ao esporte, o skate assume de vez seu papel transformador e de relevância social nas discussões acadêmicas e esportivas mundiais OLIC (2014).

Tendo sua origem na Califórnia – E.U.A. o skate nasce de uma alternativa aos surfistas onde as ladeiras de asfalto eram utilizadas como “ondas” simulando assim a prática do surf em dias sem condições para a sua prática. Sua chegada ao Brasil ainda trazia o elemento substitutivo ao surf, porém logo ganhou identidade própria e adeptos exclusivos a sua prática com manobras e modalidades específicas BRITTO (2000).

Uma das modalidades pioneiras foi o “DownHill” que consistia em descer as ladeiras como se fossem ondas e como o ambiente urbano era o ideal à sua prática logo as praças, parques, estacionamentos e áreas abertas com pisos de concreto e/ou asfalto logo se tornaram áreas de prática da modalidade “street” que utiliza os equipamentos urbanos como elementos de fruição de suas manobras BRANDAO (2011).

Os esportes de aventura ou não convencionais trazem como característica principal os elementos do desafio, da superação, do risco, do transgressor e, por isso, passou por uma fase onde foi alvo de críticas, discriminações e associações a ideologias e pensamentos de contracultura, anarquismo e rebeldia. E com o skate não foi diferente! Ao utilizar equipamentos e espaços urbanos públicos e/ou privados em sua prática o skate teve sua ascensão no Brasil, na cidade de São Paulo e foi lá também que, em 1988, teve sua prática proibida sob a alegação de que colocava em risco seus praticantes bem como os demais freqüentadores dos espaços em questão. Para além dessa alegação o skate também foi alvo de discriminação devido a sua relação com o movimento punk

inglês que trazia em suas idéias e músicas apologia ao anarquismo e críticas ao sistema político repressor e segregador HONORATO (2004).

Após a fase da proibição o skate ganhou espaços públicos e privados destinados a sua prática. Por mais que esses espaços fossem projetados para atender a modalidade “street” simulando bancos, escadarias e outros obstáculos encontrados no ambiente urbano alguns praticantes da modalidade entenderam esses espaços como “prisões” e com isso sentiram-se cerceados ao uso dos espaços urbanos extra-pistas fazendo com que uma parte dos praticantes continuassem a utilizar esses espaços gerando um descontentamento por parte dos outros usuários não praticantes MACHADO (2012).

As formas de apropriações desses espaços por parte dos praticantes de skate traziam questionamentos quanto à depredação de equipamentos públicos e/ou privados bem como a discriminação pelo comportamento expresso pelas linguagens, vestimentas e músicas adotadas pelos mesmos, gerando assim um conflito nas formas de apropriações desses espaços (BRANDÃO, 2017).

Pela sua “idade” o skate sofreu ao longo dos anos diversas evoluções tecnológicas quanto aos seus equipamentos e suas modalidades bem como quanto à sua organização enquanto esporte. Essa transição de prática substitutiva ao surf para um esporte com identidade própria traz, intrinsecamente, questões relacionadas aos conflitos de gerações de praticantes e suas compreensões do significado da prática do skate, seus ganhos e suas perdas com essas evoluções organizacionais (OLIC, 2014).

Para uma parte dos praticantes, principalmente a partir da década de 1990, a possibilidade de viver profissionalmente do skate se tornou uma realidade e um desejo de grande parte dessa geração, abrindo assim uma gama de oportunidades comerciais para o skate. Já outra parte dos praticantes via no skate ainda uma prática contracultura e de contestação aos processos normativos do esporte profissional onde as regras e a busca por performances visando premiações “engessava” sua prática e limitava a liberdade de criação de seus praticantes (BRANDÃO, 2008).

Outro conflito entre as gerações se dá na forma comportamental como as vestimentas, músicas e ideologias quanto à relação com a sociedade e os poderes públicos e/ou privados. Buscando compreender esses conflitos entre as gerações e o quanto ela influencia nas formas de apropriações dos espaços urbanos públicos e/ou privados destinados ou não a prática do skate na modalidade “street” esta dissertação buscou como referencial teórico as discussões sobre o surgimento das cidades e os espaços urbanos públicos de lazer; a compreensão de lazer; a história do skate e suas interrelações culturais e sociais; conceitos de tribos e grupos identitários bem como trabalhos com temas similares desenvolvidos em outras regiões. Como pesquisa de campo utilizou-se da etnografia através da observação participante com a aplicação de questionários semi estruturados e perguntas abertas utilizando um recorte geográfico compreendido por um circuito, de aproximadamente cinco quilômetros, que perpassa o centro histórico de Vitória-ES e posterior análise dos dados obtidos para o estabelecimento das considerações finais.

CAPÍTULO 1 – A ONDA DE ASFALTO

1.1 A cidade de Vitória-ES

Partindo da premissa que cidades e cidades históricas, assim como centros históricos são compreendidos com espaço e possuem diversos conceitos definidos por historiadores, geógrafos, sociólogos, arquitetos dentre outros é importante compreendermos esses conceitos e definições afim de aportarmos a pesquisa e suas análises posteriores.

A palavra cidade vêm do latim “civitate”, noção próxima de “civitas” que deu origem as palavras cidadão e civilização. A palavra urbano vem do latim “urbs”, que também significa cidade. A palavra grega “polis” significa cidade(LACOSTE, 2005).

Para Tuan (1983) espaço compreende diversos lugares que podem ser compreendidos como fechados ou humanizados num movimento dialético onde espaço representa a liberdade e o lugar representa a segurança.

As relações históricas da humanidade com os espaços surgem a partir das: (1) conquistas e explorações territoriais; harmonia, demonstrada em sua essência pelos indígenas; (2) estética, quando das diferenças notadas nos projetos e decorações, sejam públicos ou privados; (3) lutas por direitos ao espaço exemplificado nos movimentos de ocupações sociais urbanas e agrárias; (4) descoberta e raridade onde a busca por lugares desconhecidos e das disputas por espaços “raros” dentro das cidades explicam bem esse tipo de relação. Dessa forma o espaço torna-se lugar na medida em que o conhecemos e o valoramos (RECHIA & FRANÇA, 2006).

Com essa pluralidade o espaço torna-se um tema amplo nos estudos sociológicos que desperta questionamentos, reflexões, interesses e análises que contribuem diretamente para a compreensão de suas dinâmicas sociais.

Já Foucault (2001) defende que espaço e lugar não são meros cenários e palcos para as relações sociais e sim, uma espacialidade criada e vivida concreta e abstratamente pelas práticas sociais onde os controles sociais disciplinares como família, igreja, escola e prisões utilizam dos espaços nas relações de exercício do poder.

Para Salgueiro (1992) cidade é um aglomerado populacional e que esta forma de povoamento é uma entidade individualizada com dimensões e densidades repleta de atividades diversificadas.

Na mesma concepção Lefebvre (2006) traz o termo “espaço social” como uma forma analítica onde o espaço passa a ter um importante papel na estrutura moderna da sociedade capitalista.

A idéia de ler as cidades de Trusiani (2004), não mais por zonas homogêneas, superadas a partir da década de setenta, e sim por tecidos que permitem substituir o modo de tratamento unitário pela leitura das diferenças onde exigências de transformação, reprojetação em áreas de abandono e perda de qualidade precisam ser compreendidas. Essa nova forma de leitura da cidade, permite superar o velho conceito de “centro histórico” para o novo conceito de “cidade histórica” vislumbrando um universo mais vasto de possibilidades.

Na visão de Salgueiro (2002) que descreve que os centros históricos são as partes mais antigas das cidades que se formam pelas sucessões de acontecimentos de várias épocas onde o passado nos permite compreender a estrutura das identidades atuais nos remete a Low (2013) que diz que a cidade constitui os recursos para afirmação social e política na realização da alteridade dos desejos, pulsões e encontros. É onde as apropriações grupais são cruciais para as interações sociais com os outros para consentir com as suas afirmações.

Através do conceito de cidades globais compreende-se a cidade como inéditos espaços de manifestações e contestações, onde a ordem disciplinar sobre a sociedade encontra na experiência urbana uma espontaneidade cultural que endossa novas imaginações em seus espaços (SASSEN,1998).

De acordo com Simmel (2009), em sua visão mais ampla do conceito de cidade entende-as como lugares únicos com infinitos significados onde correntes opostas de compreensões da vida se juntam e se desdobram com os mesmos direitos.

A cidade ainda pode ser vista sob olhares distintos onde, ainda Simmel (2010) atribui ao espírito da cidade e à dimensão urbana um estatuto singular, arquetípico da excepcional riqueza e complexidade da vida humana, onde tanto a cidade histórica, como a metrópole moderna, na sua plenitude, constitui-se em categoria alegórica da sociedade mais ampla.

Para Park et al (1992) podemos identificar um entendimento de cidade que corrobora com os conceitos acima mencionados:

A cidade, do ponto de vista deste artigo, é algo mais do que um conglomerado de homens individuais e de conveniências sociais, edifícios, luzes elétricas, bondes e telefones, etc.; algo mais, também, do que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos - tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários de vários tipos. A cidade é, sim, um estado de espírito um corpo de costumes e tradições, e das atitudes organizadas e sentimentos que são inerentes a esses costumes e são transmitidos com essa tradição. A cidade não é, em outras palavras, apenas um mecanismo e uma construção artificial. Está envolvido no vital processos das pessoas que o compõem; é um produto da natureza e particularmente da natureza humana (tradução nossa)(PARK et al, 1992, p.1).

Pensar a cidade além de seus conceitos geográficos e físicos foi proposta de alguns vários sociólogos que compreendiam a cidade como um fenômeno de intensas transformações e problemas provocados por um novo modo de vida que a cidade apresentava. Para Borja (2003) a cidade vem sofrendo processos de reconfigurações denominados de “novas urbanidades” onde um conjunto de

camadas de novos interesses provoca, ao longo do tempo, mudanças dentro desse espaço que é a cidade atual.

Assim, pensar a cidade passa a ser pensar a vida na cidade e suas complexidades de relações. Nesta linha de pensamento Simmel (1973) e Wirth (1973) trouxeram hipóteses e teorias sobre o modo de vida na cidade e suas influências em seus habitantes.

A Visão de Simmel (1973) que enxerga como ponto central na mudança do modo de vida rural para a cidade urbana uma tensão entre o individual e o coletivo cria uma série de conflitos entre o indivíduo e a sociedade:

A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens mentais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. É precisamente nesta conexão que o caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana se torna compreensível – enquanto oposição à vida da pequena cidade, que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais. (SIMMEL, 1973, p.12).

As pequenas cidades rurais cresceram e tornaram-se cidades urbanas onde Wirth (1973) denomina esse fenômeno como urbanização e analisa como um dos fatos mais notáveis dos tempos modernos. Ainda para Wirth (1973) o urbanismo não pode ser considerado apenas através de dados quantitativos, mas sim à luz dos conhecimentos existentes e às relações sociais ocorridas a partir desse fenômeno.

O entendimento de cidade através de vertentes qualitativas e quantitativas é o foco dos estudos da sociologia urbana onde Bettencourt (2010, p.34) coloca que: "...a cidade é um organismo vivo, um artefactoarquitectónico e humano em constante transformação, que cresce sobre si própria."

Os diversos entendimentos e compreensões de “cidade” diante ao fenômeno da urbanização devem, primeiro serem analisados através dos diferentes contextos históricos, sociais, culturais e geográficos bem como a linha de pesquisa e formação dos autores acima citados. A junção das formas de pensamentos, aqui apresentadas possibilita a compreensão de “cidade” como um espaço de socialização onde a pluralidade de interesses em sua utilização é característica *sinequa non* em nossa pesquisa.

Considerada umas das cidades mais antigas do Brasil e classificadas entre as vinte cidades mais antigas das Américas, a cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, fundada em oito de setembro de 1551, é uma das três capitais-ilha do Brasil. A cidade recebeu este nome em homenagem a uma batalha entre os índios goitacases, habitantes do local e o exército português comandado pelo donatário da capitania Vasco Fernandes de Coutinho que, ao vencer a batalha, batizou a cidade com o nome de Ilha de Vitória. Suas características geográficas logo se destacaram quanto a possibilidade de se tornar uma cidade portuária e com isso as atividades econômicas, sociais, políticas e culturais instalaram-se através de seus limites que estendiam-se do Forte São João – atualmente Clube de Regatas Saldanha da Gama – até o bairro da Vila Rubim na altura do hospital Santa Casa de Misericórdia.

Seus relevos e a estratégia de proteção territorial levaram as primeiras construções para a parte alta da cidade e com isso o surgimento de escadarias e ruas estreitas que são, até hoje, características marcantes do Centro de Vitória, bairro considerado como o centro histórico da cidade devido a sua importância geográfica, política e econômica para o estado.

Com suas limitações espaciais e o aumento populacional o centro de Vitória sofre, na década de 1990, um fenômeno de deslocamento na concentração de suas atividades para outras áreas, em especial a porção continental da cidade, com possibilidades de crescimento ocasionando assim um impacto de desvalorização do local em todos os segmentos. Com o desuso e falta de políticas públicas adequadas suas igrejas, teatros, parques, praças, escadarias bem como clubes e hotéis, famosos por serem palcos dos mais diversos

acontecimentos sociais, econômicos, políticos e culturais, são obrigados a encerrarem suas atividades e os que resistiram sofrem com depreciações e a falta de manutenção adequada.

Na década de 2000, decorrente de inúmeros fatores, o centro de Vitória desperta e ressuscita investimentos imobiliários residenciais e comerciais e com o empenho de iniciativas públicas e privadas resgata sua importância histórica e cultural gerando assim um processo de revitalização do Centro de Vitória. Eventos esportivos, culturais, religiosos, corporativos, políticos dentre outros contribuíram para o retorno da circulação de pessoas nos espaços locais bem como estimularam o interesses em novos moradores, comerciantes e prestadores de serviços, além de estimularem a curiosidade de visitantes que ainda não conheciam o Centro de Vitória estimulando o turismo interno e externo. (OLIVEIRA, 2008).

Assim como outras cidades nacionais como São Luiz e Fortaleza, Botelho (2005) ou internacionais como Coimbra e Lisboa, Gomes (2007), Vitória sofre com o fenômeno de revitalização e conseqüentes novas formas de apropriações de seus espaços.

Essas novas formas de apropriações trazem inúmeras questões a serem identificadas e analisadas despertando o interesse no local escolhido, como recorte geográfico, para a elaboração desta pesquisa que focará suas observações nos espaços públicos urbanos de lazer, suas características e dinâmicas a fim de compreendê-las.

1.20 Lazer

O tema lazer e seus conceitos têm sido discutidos, ao longo da história, por várias correntes de estudos: históricos, culturais, sociais, econômicos dentre outros. Marcellino (1983). Conceituar o lazer surge da necessidade de compreender sua trajetória histórica e social para uma análise e discussão às questões propostas por esta pesquisa.

No processo de evolução histórico das sociedades onde os ofícios e os meios de produção de subsistência foram substituídos por meios de produção visando atender uma demanda capitalista de acúmulo e de produção em série, o uso da mão-de-obra humana ganha uma nova formatação onde o trabalho deixou sua característica rural migrando para o industrial/urbano e, com isso novas profissões e novas formas de relações sociais, políticas e econômicas surgiram (DUMAZEDIER, 1979).

Durante a revolução industrial, marco importante nesse processo de mudanças na formatação dos meios de produção e seus fins, o lazer – termo que utilizaremos como padrão quando nos referirmos a tempo livre de trabalho, ócio, tempo livre das obrigações, descanso, divertimento, recreação e repouso nos momentos adequados ao discorrer do texto - era entendido, por importantes pensadores da época como Marx, Engels, Weber, Mills, Lafargue e Lefebvre, dentre outros, como um momento necessário ao funcionário como um tempo de recuperação de forças físicas e mentais para uma nova jornada de trabalho onde as opções de lazer eram escassas e também manipuladas pela burguesia como ferramenta de alienação, manipulação e ainda com objetivos de ganhos econômicos. Repetia-se neste modelo, mais organizado e menos violento, a mesma política do Pão e Circo do Império Romano onde espetáculos eram oferecidos à população a fim de fazê-los esquecer a exploração da mão-de-obra, pelos sistemas político, econômico e social e todos os inconvenientes gerados por ela (MARCELLINO, 1983).

Com o advento do Renascimento e do Iluminismo o lazer ganha novas interpretações, mas ainda com a essência alienante e agora discriminada pelas instituições religiosas, acadêmicas e pelas convenções sociais.

O multiculturalismo decorrente da rápida troca de informações entre países e povos passa a ser o grande fomentador das mudanças e, assim, geravam mudanças comportamentais através do choque de culturas e novas formas de ver questões sociais, inclusive o lazer que para algumas culturas era reduzido ao desporto, mas mantendo as mesmas características alienantes e manipuladoras.

O lazer passa ser entendido como um direito da população, porém o acesso às suas formas ainda estavam diretamente ligadas às condições econômicas do indivíduo onde as classes mais pobres se viam obrigadas a usarem seu tempo de lazer para fazerem novas atividades laborais a fim de incrementar mais renda ao seu ganho financeiro mensal e do outro lado dessa mesma sociedade, os mais abastados sociais e economicamente desfrutavam de seu tempo livre para a prática de suas formas de lazer, sejam elas físicos, manuais, artísticos, intelectuais e sociais (DUMAZEDIER, 1979).

A nova organização social faz com que o indivíduo tenha necessidades cada vez maiores para sua sobrevivência e com isso tenha que dedicar um maior tempo de seu dia para o trabalho e deixando de lado o tempo para o lazer ou seu tempo livre de trabalho (CAMARGO, 1986).

Discutir o lazer, de acordo com Dumazedier (1979) é discutir a sociedade e sua relação com tempo livre das obrigações familiares, sociais, religiosas, profissionais, dentre outras, onde o indivíduo tem a liberdade de escolher o que fazer para seu descanso e diversão. E essas reflexões têm suas discussões associadas diretamente às discussões do próprio trabalho. Marx (1989) considera trabalho como a necessidade primeira do homem e que a conquista do espaço livre, nome por ele dado ao lazer e que teria a função de recuperar as forças para mais uma jornada trabalho, depende da apropriação coletiva da máquina.

Já para Comte e Proudhon apud Dumazedier (1979) concordam que o lazer é fundamental para a realização do “*homem total*” e isso, está diretamente atrelado ao progresso técnico e da emancipação social, associando assim, o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual e conseqüentemente suas participações nos negócios da cidade. A redução ao

mínimo do trabalho favoreceria o lazer que permitiria o desenvolvimento científico e artístico do indivíduo.

Na vanguarda Lafargue (1999) em sua obra “O direito à preguiça” foi um dos primeiros pensadores dessa época a questionar o caráter “recuperativo das forças” atribuído ao lazer, levantando uma questão quanto ao trabalho, se é um fim ou um meio?

Já que o lazer era considerado uma conquista a partir do domínio tecnológico, onde o indivíduo teria um tempo maior para dedicar-se às outras tarefas, mas é importante que se esclareça que os conceitos e diferenças entre o otium e o negotium, estabelecidos nas classes greco-romanas, não poderiam ser utilizados na sociedade industrial onde, para Veblen (1918), o lazer não poder ser considerado como ócio, pois em sua essência o ócio nega o trabalho e o lazer o supõe. As questões sociológicas sobre a relação lazer e trabalho na era industrial, são consideradas inseparáveis e, impossível discutir um tema independente do outro.

Ainda sobre o lazer Engels (1995) o entendia como tempo liberado e, assim, deveria ser convertido em atividades políticas, mas que segundo o próprio autor, isto não ocorreu em todas as classes sociais. Na visão do autor, ser político significava envolver-se em assuntos ligados ao contexto socioeconômico vivido contribuindo para sua organização e evolução.

Para Dumazedier (1979) as observações sociológicas sobre o lazer estenderam-se e aprofundaram-se nas sociedades industriais não apenas do tipo capitalista, mas também do tipo socialista e essas observações, ao se tornarem teorias, apresentam três propriedades: 1) é deduzida de uma teoria mais geral; 2) possui uma coerência lógico-dedutiva; 3) demonstra que nenhum fato importante está em contradição com ela, o que faz com que os pensamentos sociológicos sobre o lazer devam-se basear em um empirismo que permita uma reflexão teórica, fora da ilusão dogmática e uma ação prática, fora da impotência praticista.

A “*sociologia do lazer*” tem sua concepção nos Estados Unidos onde em Middletown, o casal de sociólogos R. e H. Lynd estudaram os lazeres tradicionais, modernos e suas organizações por volta das décadas entre 1920 e

1940. Neste mesmo período ocorre, em Genebra, o 1º Congresso Internacional acerca do tempo livre dos trabalhadores com a participação de dezoito nações. O lazer passa a ser estudado juntamente com os conceitos norte-americanos de “sociedade de massa” onde o consumo, a cultura e o lazer estavam diretamente associados às massas impondo e impostas às influências culturais da mídia de massa, *mass media*. (CONNOLLY, 2005).

As diversas formas de lazer, relatadas historicamente, perpassam por atividades que por longos anos foram confundidas com atividades culturais conhecidas como Cultura Corporal de Movimento que segundo Dietrich (1985) compreende o conteúdo simbólico e significativo de uma determinada sociedade e podem ser encontrados de forma específica em quase todas as culturas como as danças, jogos de movimento, competições, teatros dentre outros e sempre com sentidos determinados onde a consciência corporal é a base com que as pessoas se relacionam, pensam, agem, sentem e entendem a si próprio e seu meio.

Para Riesman (1961), a humanidade só conheceu duas revoluções ao longo da história, o Renascimento e a influência dos meios de comunicação de massa sobre consumo, cultura e lazer de massa. Nas sociedades socialistas, a Iugoslávia realizou a primeira *enquête* sobre como o lazer ocorre dentro de um contexto socialista. Diversos autores socialistas como Strumilin, Prudenski, Petrosjan, Patrusehv, Gruschin e Gordon apud Dumazedier (1979) escreveram sobre as atividades do tempo livre na extinta União Soviética (U.R.S.S.) onde o reconhecimento pela importância do lazer faz com que as jornadas de trabalho caíam de 8h para 7h diárias. O tema lazer, então, desperta inúmeras abordagens que perpassam pelas relações com o trabalho, a família, o status da mulher, com a juventude, religião, política e cultura. Podemos assim refletir sobre a relação direta do surgimento do lazer e sua necessidade, enquanto tempo livre de obrigações, com o surgimento da sociedade industrial, visto que nas sociedades pré-industriais o “lazer” era composto por obrigações familiares, sociais e religiosas.

O sociólogo Parker (1978) traz a idéia de que o lazer é o um objetivo da vida do indivíduo conquistado através do trabalho, parte séria da vida. O autor ainda faz algumas considerações quanto a compreensão dos tipos de lazer que para ele

são influenciados pelo trabalho, onde podem ser classificados como: lazer puro, lazer continuador, lazer complementar e lazer preparação, sendo apenas o primeiro, o lazer independente das influências do trabalho. Dessa forma a crítica deste referido autor remete a análise da relação dicotômica entre lazer e trabalho.

O lazer foi e, é até hoje motivo de discussão entre estudiosos, pensadores, autores e instituições devido à sua relação com movimentos anarquistas, criacionistas, contraditórios, rebeldes que, em certas situações, causa temor a sociedade conservadora e aos sociólogos da vida “séria”(MAYA, 2008).

Algumas correntes baseadas em Herbert Marcuse apud Marcellino (2012) defendem o lazer como uma nova forma de controle institucional visto que o mesmo foi atrelado às necessidades de tempo livre sim, mas também com dinheiro disponível para acessá-lo. Dessa forma, muitas instituições criaram formas de lazeres alienantes e dependentes de poder econômico para acessá-las. Chegando ao ponto de entender lazer como mais uma ferramenta de domínio de classes e, assim regredindo às condições que lhes permitiu nascer e crescer. Outras correntes defendem o lazer como um novo direito social onde a finalidade é a auto-satisfação. Corrente esta defendida por Dumazedier(1979) onde em suas obras defende o lazer como um conjunto de lazeres que perpassam os interesses físicos, artísticos, manuais, intelectuais e sociais, mas não descarta totalmente a corrente de Marcuse, porém não a entende como a completa abstração da subjetividade do indivíduo. Ainda Seguindo a linha de Dumazedier (1979), novos interesses por lazeres surgem com o avanço da sociedade e, Camargo (1986), insere um novo interesse de lazer ao conjunto, denominado turístico. Anos após a inserção de novos interesses em lazeres, Schwartz (2003) que, acompanhando as tendências evolutivas das relações sociais advindas das evoluções tecnológicas, insere o interesse Virtual ao conjunto que compõem o lazer.

Neste projeto de pesquisa voltaremos nossa atenção aos interesses culturais do lazer identificados nos espaços urbanos e públicos de lazer escolhidos, com foco na relação desses interesses com a prática do skate

Entendido como um interesse cultural de lazer físico esportivo, artístico e social, defendido por Brandao (2011) o skate ganha novos adeptos nos dias atuais entendendo-o como um fenômeno social em expansão onde o mesmo ocorre nos momentos livres das obrigações do indivíduo, mas levando em conta fatores sociais, culturais, ambientais, econômicos, políticos e, principalmente, suas influências nos diferentes interesses culturais do lazer (HONORATO, 2004).

1.30 Skate

A partir da vontade de praticarem uma modalidade similar ao surf nos dias flats (sem ondas), surfistas da Califórnia desenvolvem o surf no asfalto. Assim nasce o skate!

O skate nasce nas ruas e sua primeira modalidade, chamada *street* tinha como característica principal não possuir um único espaço para sua prática. Nesta modalidade o espaço é a rua e seus obstáculos como calçadas, lombadas, escadas, guias, corrimãos, hidrantes, bancos e tudo mais que possa ser interpretado pelo skatista como “skatável” ou “manobrável”.

Devido a uma crise hídrica na Califórnia entre os anos 60 e 70, os moradores locais viram-se obrigados a esvaziarem suas piscinas, que possuíam formatos, bordas e arestas arredondadas que chamaram a atenção de skatistas da época. Assim as piscinas ganharam outra função, a de uma pista de skate criando assim a modalidade *vertical*(BRANDÃO, 2011).

Existem outras modalidades na prática do skate: *downhill* – modalidade praticada em ladeiras; *freestyle* – modalidade praticada em espaços planos onde a criatividade do skatista em criar novas manobras é o objetivo principal; *slalom* – onde o skatista deve andar desviando de obstáculos, normalmente cones, em zigue-zague e a *mega-rampa* – onde o skatista desce uma rampa com mais de vinte metros de altura e tem como objetivo final saltar por um vão realizando uma manobra e aterrisar com segurança após sua desenvoltura.

Devido aos conflitos gerados pela prática nas ruas e nas piscinas particulares (assunto que abordaremos detalhadamente em outro capítulo dessa pesquisa) o skate ganha espaços específicos à sua prática. Áreas com obstáculos que simulam os das ruas, pistas ovais ou em formato de “U” foram desenvolvidos a fim de atenderem ao número crescente de adeptos ao skate. A criação desses espaços também gerou conflitos quanto às suas intenções (MACHADO, 2012).

Apesar de Noll (2000), afirmar que o skate foi patenteado, nos Estados Unidos, em 1936, os primeiros registros da prática do skate surgem por volta de 1960. Conhecido como “surfinho”, devido a sua similaridade com o surf, o skate foi criado a partir da junção de eixos e rodas de patins fixados a uma madeira formando uma prancha com rodas.

Os praticantes do skate eram, em sua maioria, surfistas que nos dias sem ondas utilizavam o skate como uma forma de manter a prática do surf, porém utilizando as ladeiras de asfalto como se fossem ondas (BRITTO, 2000).

No Brasil não existe uma data precisa que confirme a chegada do skate, mas os registros trazem relatos de praticantes da modalidade no Rio de Janeiro em 1964. Por não haver um registro oficial único, a história do skate no Brasil pode apresentar outras versões através de outras fontes de investigação (HONORATO, 2004).

Apesar de ter no Rio de Janeiro seus primeiros relatos, o skate ganha seu maior público de adeptos na cidade de São Paulo onde sua prática também se dava nas ruas, ladeiras, espaços públicos como parques e praças. Com um maior número de praticantes, São Paulo passa a ser a referência do skate no país tanto nas questões comerciais e esportivas como nas questões sociais e políticas já que a chegada do skate no Brasil data de um período histórico e político turbulento (BRANDÃO, 2011).

No Espírito Santo, o skate tem uma trajetória relatada através de história oral aonde dois capixabas vindos de São Paulo e Rio de Janeiro após viagens de cunho profissional trazem em suas bagagens o skate para terras capixabas. A entrevista com os dois interlocutores, aqui representados por INTERLOCUTOR 1 e INTERLOCUTOR 2, se dá a partir da indicação do presidente da Associação de Skate do Espírito Santo que nos apresenta os mesmos. Já de início a conversa toma um ar nostálgico onde um dos interlocutores relata agradecimentos de ser procurado:

“É sempre bom falar de assunto. É como se voltasse no tempo. Falar de skate é bom demais”. (INTERLOCUTOR 1).

Ao falar da história do skate, o interlocutor 2 diz que se sentem responsáveis pela chegada do skate em Vitória:

A gente já se conhecia – em relação ao INTERLOCUTOR 1 – e por coincidência trouxemos os skates quase que no mesmo mês para o estado. Não tínhamos a idéia de que éramos os primeiros. Sabíamos apenas que, se já existia no estado, não conhecíamos o proprietário. Como naquela época a cena radical era restrita a Vitória-Centro, Praia do Canto, Bento Ferreira e Praia do Suá, ainda não tinha *rolado* de ninguém aparece com um skate. (INTERLOCUTOR 2).

Os interlocutores relataram que não sabiam andar de skate e que foram aprendendo na medida em que experimentavam suas possibilidades, mas o básico era tentar surfar na prancha de madeira com rodas.

Não demorou muito tempo em outras pessoas apareceram com skates, uns montados através do desmonte de patins e fixação de seus eixos e rodas em tábuas de madeira, outros chegados dos Estados Unidos, Rio de Janeiro ou São Paulo.

Os primeiros locais a serem utilizados como *point* – termo utilizado pelo INTERLOCUTOR 1 para designar local de encontro de prática do skate, foi o centro de Vitória na ladeira Dom Fernando e em Bento Ferreira.

A galera se encontrava e ficávamos “andando de skate” ou pelo menos tentando, né? Quem não tinha skate pedia emprestado e ninguém utilizava nenhum equipamento de segurança. (INTERLOCUTOR 1)

Não existiam espaços específicos para a prática de skate no Espírito Santo e as primeiras pistas surgiram na década de 1980 em Itapoã e Prainha no município vizinho de Vila Velha e a pista de skate da praça dos namorados, a primeira de Vitória que, durante muitos anos foi o palco para a prática, campeonatos e apresentações da modalidade.

A história do skate capixaba começa a ganhar força a partir da pista da praça dos namorados em Vitória e com os primeiros campeonatos organizados na época. Novas áreas e pistas específicas surgem na década de 90 em municípios vizinho a capital e, atualmente existem diversos espaços urbanos públicos que

contemplam uma área específica à prática do skate, mas a cena competitiva tanto amadora quanto profissional ainda é pequena quando comparada aos estados vizinhos, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Já difundido em todos os continentes, em 1972, com a fabricação de rodas de poliuretano, o skate ganha mais velocidade, aderência e com isso um maior número de adeptos e conseqüentemente um maior número de manobras. Essa evolução histórica no skate traz como resultado a mercantilização do skate e o surgimento de acessórios e vestuários próprios à modalidade até revistas especializadas e literaturas como guia para os iniciantes começarem a praticar o skate (BRANDÃO, 2011).

Com o aumento no número de adeptos, o surgimento de um mercado próprio, o skate promove agrupamentos sociais, as tribos, conforme Maffesoli (1998) se refere metaforicamente a esta forma de arranjo coletivo com interesses comuns.

Dessas tribos nascem as associações que criam meios de organização da prática visando um fortalecimento da mesma e contribuindo para que o processo de esportivização acontecesse (BRANDÃO, 2017).

O skate então passa a contar com federações, associações, equipes de atletas profissionais e com campeonatos regionais, nacionais e internacionais que elevaram o skate aos esportes olímpicos.

O fenômeno do olimpismo leva em consideração, dentre vários aspectos, as questões culturais em seus estudos para a oficialização de uma modalidade esportiva em modalidade olímpica e o skate, assim como outros esportes “radicais” onde DaCosta (2005) atribui esse crescimento a conquista de um maior número de praticantes e atletas filiados ganhando assim a promoção a esporte olímpico (OLIC, 2014).

Para além da compreensão do skate como um mero fenômeno esportivo é necessário analisarmos que sua prática pode ser entendida como mais um processo de mudanças no comportamento e nas relações sociais do momento

histórico em questão onde Elias, Dunning (1992) entendiam que o processo civilizador responsável por essas mudanças promoviam a criação e recriação de novas práticas sociais onde o objetivo era desenvolver o controle e o autocontrole.

Apesar de a história do esporte ou culturas corporais de movimento na concepção de Bracht (2005) terem uma cronologia autônoma com seu próprio tempo, evoluções e crises, o skate trazia características lúdicas, desafiadoras, aventureiras que remetiam ao prazer e a sensação de riscos ligados às mudanças comportamentais da época de seu surgimento onde a busca pelo diferente despertava a atenção da sociedade conforme Honorato (2004) avalia em suas pesquisas

Como todo fenômeno transformador, a prática do skate traz em seu histórico questionamentos sobre sua segurança, sua relação com o perigo, com sua forma de contestar as convenções sociais e as formas de se apropriar dos espaços urbanos e públicos bem como suas características peculiares de vestimentas, de posicionamento político e de estilos musicais. Segundo Brandão (2017) esses questionamentos ganharam tamanha relevância que despertaram interesses de pesquisadores das ciências sociais, história e educação física confirmada pelo elevado número de publicações com a temática nos últimos 15 anos.

Essa pesquisa terá o skate como elemento compreendido como um interesse cultural de lazer físico esportivo, social e artístico e, seu foco será nas interações dos praticantes da modalidade com outros usuários, em espaços urbanos e públicos de lazer.

1.4 Cidadão, Cidadino e Cidadania no skate

O objetivo deste capítulo, ao discutir os conceitos de cidadão, cidadão e cidadania está na questão de discutir as relações que os indivíduos estabelecem-se entre si quando da necessidade de viverem em ambientes coletivos e pensarem em suas ações enquanto conseqüências na vida alheia.

O conceito de cidadania tem origem na Grécia clássica, sendo usado para designar os direitos relativos ao cidadão, ou seja, o indivíduo que vivia na cidade e ali participava ativamente dos negócios e das decisões políticas. Ao longo da história o conceito de cidadania se ajusta conforme as mudanças no conjunto de valores sociais e no conjunto de deveres e direitos de um cidadão.

Discutir sobre os termos cidadão e cidadão é discutir o próprio conceito de “humano”, visto que historicamente humanos de outras etnias, cores e gêneros eram compreendidos como inferiores e até mesmo como um objeto que pudesse ser negociado.

A busca por igualdade entre os indivíduos, independente de suas características, ainda é algo utópico e motivo de inúmeros acontecimentos históricos. Talvez seja o marco central de todas as guerras, revoltas, rebeliões, protestos e demais manifestações humanas ao longo de sua existência (ALVES, 1992).

A transição do modo de vida rural para o urbano trouxe uma nova forma de organização social onde espaços de uso coletivo, como as cidades tornaram-se espaços de interações sociais.

Compreender essas interações demanda analisarmos como os indivíduos entendem seus direitos e deveres enquanto partes de um meio social onde a multiplicidade de interesses e modos de vida interagem-se entre si.

São várias as formas de entendimento de cidadão e para Oliveira; Nascimento (2014) cidadão é o cidadão que exerce a cidadania, ou seja, cidadão é o próprio homem independente de sua posição social. Ainda para os autores discutir o que é ser cidadão é discutir cidadania, termo este que ainda está em curso de ser definido e que ainda não está bem resolvida quanto à sua complexidade.

Já Kant (1998) afirma que ser cidadão é ser considerado livre e igual, mas que a liberdade e a igualdade só acontecem quando se obedecem as leis que regem o estado.

Todos os indivíduos que residem, convivem e interagem com a cidade são cidadãos, mas isso não quer dizer que sejam cidadãos (ALVES, 1992).

Com as civilizações urbanas vieram às cidades e com elas os moradores que para viverem em harmonia precisavam estabelecer regras de convivência no mínimo respeitosa às questões de proteção à vida. Essas regras originaram o desenvolvimento dos direitos humanos e cidadania.

A complexidade em se estabelecer direitos humanos, públicos e privados, está na evolução constante das relações sociais e suas novas possibilidades e necessidades. E essas evoluções geram conflitos e revoluções sociais quanto à diversidade de entendimentos acerca do que é ser cidadão e o que é cidadania.

Trazendo essa discussão para a problemática desta pesquisa onde o objetivo central está na identificação da existência ou não de conflitos acerca das formas de apropriações dos espaços urbanos e públicos de lazer é fundamental que se estabeleça um diálogo entre os conceitos de cidadão, cidadão e cidadania já que as formas de apropriações desses espaços bem como os possíveis conflitos oriundos das mesmas remetem à discussão de coletividade, pluralidade de interesses e respeito às normas, sejam elas estabelecidas formalmente ou não.

Tendo como elemento principal da pesquisa a observação da prática do skate e as relações da mesma com outras formas de atividades nesses espaços identifica-se elementos questionáveis acerca de cidadania, entendida pelo poder público como civilidade e para os skatistas, principalmente àqueles que resistem em utilizar os espaços específicos à prática do skate, como o direito de se apropriarem dos espaços urbanos e públicos a partir de seus próprios entendimentos Machado (2011). O autor ainda defende existir uma sociabilidade cidadina a partir da prática do skate que incorporam práticas de cidadania urbanas:

“os skatistas se beneficiam das alternativas fornecidas pelo poder público (como os campeonatos e as pistas) e se posicionam

politicamente diante suas demandas. Todavia, por mais que participem das competições e pratiquem em espaços 'apropriados', eles não deixam de ir para as ruas, onde para muitos se anda de skate de 'verdade', pois são nelas em que podem fazer uma parte de seus 'trabalhos', como a captação de imagens para a mídia especializada, e também, onde se vivencia aquilo que é apontado como primordial no skate, ou seja, a 'diversão' em companhia de outros" (MACHADO, 2011, p. 228).

Pensar o skatista como um cidadão e não como cidadão, que não exerce sua cidadania é um questionamento complexo, pois tanto do lado dos praticantes da modalidade quanto dos que não praticam há uma dificuldade neste entendimento e anseio por ambas as partes (MACHADO, 2015).

1.5 Espaços públicos de lazer

Este capítulo sobre espaços públicos de lazer trará questões acerca de como compreender esses espaços tanto em conceito como em concepções e funções. A compreensão das questões que abordam os espaços públicos de lazer somado aos temas já apresentados: cidade, lazer, skate, cidadão, cidadão e cidadania permitirão a discussão posterior das relações entre os temas com o objeto dessa pesquisa.

Os espaços urbanos e públicos europeus e americanos, a partir do século XVIII eram conhecidos como parques, espaços verdes e jardins e tinha como objetivo

levar qualidade de vida ao cotidiano dos indivíduos através do lazer e da recreação (SCALISE, 2002).

A idéia de Constantino (2010) traz um breve histórico dos espaços urbanos e públicos, voltados a lazer, no Brasil que surgem no século XIX com a chegada da família real e seus projetos de estruturação do país. Os Parques, como eram chamados eram concebidos como sinal de modernidade do país.

Na década de 1930, o sentimento de nacionalismo e a valorização do esporte e do lazer cultural reconfiguram os parques criados anteriormente atendendo às mudanças sociais da época.

A expansão do número de praças e parques, a partir da década de 1960 e através de investimentos públicos, toma um novo formato onde a preocupação em possibilitar o acesso às classes não elitizadas da sociedade passou a ser considerada.

Finalizando, o autor associa o aumento populacional das grandes cidades, na década de 1990, como responsáveis pelo surgimento de novos espaços de lazer em resposta a esta demanda. Nesta década as concepções e gestões destes espaços começam a serem divididas entre o estadual e o municipal, tornando os espaços cada vez mais característicos à população local.

De acordo com Marcellino (2006) O espaço público é o espaço de uso comum e de posse coletiva, mas que pertence ao poder público que os concebe e os administra. Apesar de serem de uso comum os espaços podem se dividir em livres e restritos.

Os espaços livres são aqueles que garantem o livre acesso independente do horário e não possuem restrições quanto ao seu uso, apenas quando da intervenção de autoridades públicas em casos necessários. Nos espaços livres ainda temos uma subclassificação que são: espaços de circulação, espaços de lazer e recreação, espaços de contemplação e espaços de preservação e conservação histórica e/ou ambiental.

Os espaços restritos são aqueles que possuem regras quanto ao horário de funcionamento, ao acesso e às regras de conduta, porém com permissão de acesso sem ônus financeiro aos usuários. Os exemplos mais claros desse tipo de espaço são os museus, os hospitais, as igrejas, as bibliotecas e os edifícios públicos.

Em sua análise Tonkiss (2005) identifica tipos-ideais de espaços públicos onde o sentido de estar e a origem são características que os diferenciam. Assim, os espaços podem ser públicos ou privados, quanto à origem; podem permitir sentimentos de pertencimento coletivo, trocas sociais ou encontros informais quanto ao sentido de estar sendo que o princípio ideal dos espaços públicos seria a igualdade de acesso.

O aprofundamento de estudo deste capítulo será nas compreensões e reflexões sobre os espaços urbanos públicos de lazer e recreação livres e restritos a fim de fecharmos o conjunto de informações conceituais que permitirão a discussão dos capítulos posteriores desta pesquisa.

Para Andrade; Bapstista (2015), espaços públicos são lugares de interesse comum para usufruto coletivo onde diversidades de experiências de lazers globalizados são identificadas.

Para Zamora et al (2003) e Zanin et al (2005) os espaços públicos são centros que permitem o lazer em suas mais variadas possibilidades como esportes, brincadeiras, danças, teatros dentre outras.

Os espaços urbanos públicos acompanham o *modus vivendi* das sociedades do terceiro milênio, que começam a interferir nos projetos de concepções, a fim de conferirem aos mesmos suas demandas (CASTELLO, 2007). Seguindo o pensamento de Castello (2007) a utilização dos espaços urbanos está diretamente ligada às dinâmicas das relações sociais e, assim sendo, demanda constantes análises desses comportamentos.

2–O skate a Sociedade

2.1 Proibição da pratica de Skate no Brasil

Este capítulo tem como objetivo trazer a discussão da prática do skate nos espaços urbanos públicos e as formas como os praticantes dessa modalidade se relacionam com os outros usuários desses espaços.

A essência do skate é ser praticado em espaços livre e sua concepção se dá da necessidade de surfistas californianos praticarem algum esporte similar ao surf nos dias *flat* – sem ondas. Dessa forma o skate foi criado com o intuito de ser praticado em ladeiras de asfalto como se fossem ondas (BRITTO, 2000).

Seguindo a linha de Britto (2000) o skate é um esporte urbano e que não depende de uma área exclusiva à sua prática, podendo ser praticado onde a

criatividade de seu praticante encontrar elementos que o remeta ao objetivo de fruição de manobras.

Com essa característica urbana e livre de espaços específicos à sua prática em suas primeiras modalidades, *downhill* e *street*, nomes diretamente ligados aos seus locais de prática, o skate “invade” espaços até então utilizados para outros fins como ruas, praças, parques, ladeiras, estacionamentos, escadarias dentre outros. Espaços estes utilizados para outros fins e que com a chegada do skate começam a ganhar novas interpretações e apropriações. O filme americano “Dogtown and Z-Boys” e o documentário brasileiro “Maria Angélica” retratam bem o skate “invadindo” os espaços públicos urbanos.

Surgido em pleno regime militar no Brasil, o skate é entendido como transgressor às leis de convívio social onde sua prática foi classificada perigosa ao próprio praticante e aos outros usuários dos espaços públicos urbanos por eles utilizados. Por outro lado, o entendimento de ser transgressor às leis de convívio social também se dava pelas características de contra-cultura, rebeldia, ideologias políticas bem como suas vestimentas, normalmente pretas e com alusões aos movimento punk’s ingleses e seus gostos musicais (BRANDÃO, 2008).

Sob a justificativa de que o esporte era inseguro para o próprio praticante quanto para outros usuários dos espaços públicos urbanos, em 1988, o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros proíbe a prática do skate, inicialmente no parque Ibirapuera, local bastante freqüentado pelos skatista naquela época. Com a proibição os skatistas promovem uma *skatada* – passeata sobre rodas – em protesto a proibição e como resposta, Jânio estende a proibição a toda a cidade de São Paulo, tornando a prática de skate um crime sob a pena de retenção de equipamentos até a reclusão do praticante de acordo com Machado, (2012) voltando a ser liberado apenas na sucessão da prefeitura por Luiza Erundina que legaliza a prática do skate nos espaços públicos e urbanos da cidade onde Brandão afirma que a frase “skate não é crime!” virou a fala oficial das manifestações que revogavam o direito ao “andar de skate” e a não criminalização da modalidade.

Apesar de São Paulo ser o exemplo mais expressivo na proibição da prática de skate Brandão (2008) não o desmerece, mas associa sua proibição àquela época ao estranhamento de uma modalidade que trazia como componente o risco, o desafio e a não sistematização, características inexistentes ou pelo menos compreendidas assim nas outras formas de lazer existentes. O que surpreendeu o autor foi 10 anos após o fato, em 1998, a cidade de Itu, no interior de São Paulo estabelecer multas e até apreensões de seus equipamentos aos praticantes de skate quando flagrados, em sua prática, em espaços públicos urbanos e a lei de proibição com mesmo teor em 1999 na cidade de Blumenau – SC. Para o autor esses dois exemplos demonstram o quanto a prática do skate ainda é discriminada e causadora de conflitos pertinentes a essa incompreensão de sua prática.

Mas a proibição da prática do skate, em espaços urbanos públicos, pode estar “camuflada”, como diz Honorato (2005), em situações indiretas como a escolha do tipo de piso na concepção dos espaços, a configuração de disponibilidade dos equipamentos para a prática de outras atividades restringindo assim a prática do skate e a presença de vigias e/ou guardas municipais “organizando” e “protegendo” os espaços são entendidos pelo autor como elementos de coibição e proibições “camufladas” que demonstram o quanto o skate ainda não é contemplado como um esporte que pode ser praticado em qualquer área pública urbana de lazer.

Atualmente não há, no Brasil, nenhuma lei em voga quanto à proibição da prática do skate em espaços públicos urbanos, mas o histórico de conflitos quanto à sua prática e as formas de apropriações reforça o pensamento de Machado (2014) quanto ao skate “viver” sob constante discriminação, disputa de poderes e incompreensões quanto a sua prática.

2.2 - Espaços públicos de lazer para o skate

Este capítulo tem o objetivo de dar continuidade ao capítulo anterior, visto que os espaços urbanos públicos de lazer com áreas destinadas à prática do skate surgiram, principalmente, devido aos conflitos e as manifestações que solicitavam dos órgãos públicos a criação dessas áreas.

Com a crescente demanda de praticantes de skate, segundo o Datafolha (2015) o número de praticantes de skate saltou de 3,9 milhões em 2009 para 8,5 milhões em 2015 demonstrando um crescimento relevante para o entendimento das políticas públicas de lazer quando da concepção ou reformulação de espaços urbanos e públicos de lazer que deveriam ser contempladas com áreas específicas à prática do skate.

A grande discussão está na compreensão desses espaços específicos à prática do skate. Se eles são uma conquista positiva ou não. Segundo Brandão (2006)

uma parcela dos praticantes de skate defendia que “*é na rua que se anda de skate de verdade*” e a criação de espaços específicos à sua prática era como se fossem “*prisões a céu aberto*” onde o entendimento era de que o objetivo dos órgãos públicos, ao criarem esses espaços, era de segregar os praticantes de skate a uma área única evitando que os mesmos utilizassem outros espaços. Já a parcela de praticantes de skate que entendia a criação desses espaços como uma conquista positiva não deixaram de utilizar os outros espaços não específicos, apenas adicionando mais um local para sua prática.

No entendimento de Machado (2012) o skate não tem local único para sua prática, mas algumas modalidades exigem equipamentos específicos e a criação desses espaços foi uma conquista positiva.

Outro ponto discutido por Gomes (2016) é a desarticulação entre as políticas públicas de lazer dos poderes públicos e as entidades representativas do skate a fim de elaborarem ações conjuntas em prol de espaços urbanos públicos de lazer que atendam as demandas locais. Para a autora essa desarticulação pode ser analisada pelo fato de não existirem essas entidades representativas e, com isso enfraquecer o diálogo com o poder público ou o próprio poder público não ter interesse na questão por motivos de diversas ordens, inclusive a discriminação pela modalidade.

Segundo um levantamento da *Revista 100% skate*, no ano de 2006, no Brasil, existiam 1074 espaços urbanos e públicos de lazer que contemplavam a prática do skate em seus equipamentos. Não existem dados concretos que permitam a atualização desse dado.

Dos oito espaços urbanos públicos de lazer delimitados nesta pesquisa somente dois contemplavam equipamentos destinados à prática do skate. Algumas justificativas, para tal situação, das Secretarias de Esporte, Lazer e Cultura Municipal e Estadual foram a questão dos tempos de existências de alguns espaços que datam de décadas anteriores a essas demandas; o conceito de alguns espaços de não vislumbrarem equipamentos esportivos e a distância espacial entre os mesmos. Quando questionados acerca da relação entre as entidades representativas do skate e as secretarias a resposta foi unânime em ambas em dizer que associação só vem aqui pedir verba para a realização de

campeonatos e autorizações para utilizarem os espaços já existentes para tal fim.

2.3 - Tribos urbanas, Outsiders e o Skate nas Olimpíadas

Terminamos o capítulo anterior falando de entidades representativas do skate e sua relação com órgãos públicos.

Essas entidades, neste caso, são associações, clubes, federações e confederações que só se concebem através da junção de pessoas com objetivos em comum acerca da modalidade tanto em relação aos órgãos públicos e privados na busca por fomentos que os permitam promover ações em benefício da modalidade quanto às relações sociais com outras associações ou comunidades que de alguma forma interagem com modalidade.

Partindo da idéia de Maffesoli (1998) onde os sujeitos se arranjam em interesses comuns entendendo que a individualidade não é suficiente para que algumas conquistas aconteçam, surgem as *tribos urbanas*, termo utilizado pelo autor de forma metafórica e que não possui um vínculo formal como as entidades citadas anteriormente, mas que exemplificam que a busca na união de seus pares traz tanto conexões afetivas como de interesses racionais. Um dos resultados do

surgimento e fortalecimento dessas tribos é a formação de entidades formais representativas de uma classe ou interesses comuns.

Ainda para o autor a necessidade de identificação com um grupo tem um fundo emocional onde os indivíduos se unem aos seus pares com o intuito de viverem emoções e sensações que os estimulam de forma similar. No caso do skate percebemos que o bom desempenho de um praticante quando da execução de uma manobra ou de um conjunto delas gera em todos seus pares uma emoção coletiva expressada em gestos e verbalizações específicas da tribo.

Na concepção de Aragão (2013), ao pesquisar usuários de um espaço urbano e público de lazer observou que os praticantes de skate se identificam, para além da prática da modalidade, se unem através de características peculiares: vestimentas, acessórios, linguagens e expressões corporais.

A identificação do indivíduo com seu grupo, para Costa; Pires (2006), se dá por meios de usos e costumes e enfatiza as vestimentas como um fator fundamental nesse processo de pertencimentos a um determinado grupo.

Na visão de Bourdieu (2007) o ato de juntarem-se em grupos e todas suas peculiaridades, em relação aos elementos identificados como comum, entre os indivíduos que os formam é também uma forma de disputa de poderes simbólicos dentro das estruturas da sociedade, onde existem tentativas constantes de se estabelecer uma cultura dominante.

Para Hack; Pires (2005) os indivíduos se organizam a fim de atenderem seus anseios cotidianos, expressarem novos de modos de vida e consolidar sua representatividade social, mesmo que sejam contrárias às culturas dominantes.

Em uma pesquisa durante um campeonato de skate, Araujo (2006) ao falar dessa organização em grupo identitários percebeu que :

...não é difícil verificar que eles, ao se organizarem em grupos, põem em marcha uma plural e dinâmica gama de estilos e de formas de (auto) apresentação. Sua intenção, via de regra, é diferenciar-se dos demais, sobretudo os de outras faixas etárias, particularizar-se produzindo e implementando um tipo de vanguarda que se faz

perceber a partir de seus aspectos de intensa exposição e de exploração visual. (ARAUJO, 2006, p.2)

Para a maioria dos praticantes de skate o pensamento de Maffesoli (1998) de que “o estar junto é fundamental” se aplica muito bem e esse compartilhamento de sentimentos, costumes, ideologias e demais afinidades permite defesas, proteções e protestos, quando necessários, a fim da manutenção desse compartilhamento.

Um dos pontos citados no parágrafo anterior diz respeito à proteção e defesa como um dos motivos que levam os indivíduos a se unirem em *tribos*. Analisando a modalidade skate, a partir do contexto social e cultural predominante na época de seu surgimento, entende-se que tanto a modalidade quanto seu praticante traziam elementos que geravam estranhamento à sociedade. Riscos, aventura, desafios, devaneios, sensações e emoções até então desconhecidos. Como consequência os praticantes de skate, assim como já acontecia com os de surf e outros esportes radicais, passaram a ser encarados como violadores das formas “normais” de vida que Becker (2005) retrata como comportamentos desviantes, os conhecidos *outsiders*. Para o autor todo o comportamento que violavam as normas, comumente aceitas por uma sociedade, é considerado desvio de comportamento, ou seja, indivíduos que estão se comportando a margem das leis formais, mas também das leis informais, as chamadas regras sociais impostas pelas tradições.

Em contrapartida, ao serem classificados como *desviantes*, *outsiders* ou qualquer outra denominação dada ao ato de infringir o senso comum, o praticante de skate traz elementos de respostas e protestos a partir de seus comportamentos, vestimentas e atitudes de afronta quanto a algo que eles entendiam não ser uma contravenção e, sim um novo estilo de vida, onde Becker (2005) entende esse comportamento como um novo grupo que se forma e, a partir dessa união, estabelecem novos entendimentos das regras sociais impostas e também se sentem no direito de estabelecer o que é ou não um comportamento desviante: “Observa-se com facilidade que diferentes grupos consideram diferentes coisas desviantes” (BECKER, 2005, p.17)

Dessa forma o skate, ao ganhar um maior número de adeptos e unirem-se em tribos e outras formas de associações determinam uma nova análise sobre o comportamento desviante e sobre ser ou não um *outsider*.

Se analisarmos a proibição do skate, citada em capítulo anterior, como um entendimento da época de que o praticante do skate estava infringindo as leis e regras sociais impostas pela sociedade e, depois, formalizada oficialmente pelo poder público como um comportamento desviante tem-se, neste caso, um exemplo claro do tema discutido por Becker (2005):“...algumas pessoas podem ser rotuladas de desviantes sem ter de fato infringido uma regra.”(BECKER, 2005, p.22)

Ao serem discriminados os praticantes de skate, da época da proibição de sua prática, utilizaram da união de praticantes e simpatizantes a fim de promover um debate acerca de seus direitos enquanto cidadão. As frases “SKATE NÃO É CRIME!” e “SKATE: DIREITO DO CIDADÃO E DEVER DO ESTADO” foram estampadas em camisetas, adesivos, revistas, jornais como forma de demonstrar ao poder público que uma parcela da sociedade não entendia a prática do skate como algo que infringia algum tipo de lei. A questão estava em compreender o skate como algo diferente que trazia em seu contexto elementos que contestavam as convenções tradicionais e pleiteavam novas formas de utilizarem os espaços urbanos e públicos:

“As fundamentações dos grupos desviantes tender a conter um repúdio geral às regras morais da convenção, às instituições convencionais e a todo o mundo convencional.” (BECKER, 2005, p.49)

A discussão sobre tribos, grupos ou qualquer outro tipo de associação de indivíduos com interesses em comum é uma demonstração que os indivíduos estão em constante disputa de poderes na busca de serem reconhecidos, respeitados e livres para agirem conforme suas vontades. Em se tratando de vida em sociedade isso nem sempre é tão simples, pois as formas como essas disputas ocorrem geram conflitos e atritos. A prática do skate traz em suas características elementos que divergem em vários aspectos de outras culturas

dominantes, sendo assim um fenômeno urbano de lazer crescente tanto em número de adeptos quanto na busca de sua aceitação social.

2.4 - Apropriações, localismo e sentimentos de pertencimentos

No capítulo anterior, sobre grupos identitários, identificou-se que a união entre indivíduos se dá por afinidades e interesses em comum e que, esses interesses representam compreensões divergentes por parte dos vários grupos identitários. Um dos primeiros pontos a ser levantado é de que não estamos falando apenas de adolescentes e jovens e sim de todos os indivíduos que, de alguma forma, se juntam em algum momento da vida em prol de algo coletivo. Associações de qualquer cunho, grupos religiosos, equipe esportivas são exemplos claros do que podemos entender como as tribos de Maffesoli (1998) e de Pais (2004) e até mesmo, dependendo do olhar, como grupos desviantes de Becker (2005).

Como esta pesquisa tem como objeto central de investigação os espaços urbanos e públicos de lazer e como as formas de apropriações desses espaços por parte dos praticantes da modalidade skate se relacionam entre si e com os outros usuários desses mesmos espaços vamos compreender metaforicamente assim como Maffesoli (1998) que na *aldeia* que é a cidade existem espaços a que Magnani (1996) nomeou *pedaço* para a prática do lazer.

Independente do tipo de interesse cultural de lazer existente nesta prática Dumazedier (1979); Camargo (1986); Schwartz (2003) compreendem que o

mesmo *pedaço* é utilizado por diversas *tribos* com interesses diferentes e passivos de divergências e conflitos oriundos das formas de apropriações, localismo e sentimento de pertencimento estabelecido por cada *tribo*.

Para Araujo (2006) os sujeitos sociais que compõem as *tribos*, embora próximos geograficamente, estão, distantes em termos de hábitos, gostos e comportamentos o que explica possíveis situações de conflitos.

Essas distâncias identificadas por Araujo (2006) demonstram que, quando ocorrem, os conflitos são conseqüências diretas de disputa de poderes Bourdieu (2007) e o quanto essas motivações tem gerado importantes transformações na sociedade.

Assim, as administrações mais atentas têm sido responsáveis por fundamentais políticas públicas voltadas para este segmento, instrumentalizando-o cada vez mais para a inevitável competição, em todos os campos, do mundo moderno. (ARAUJO, 2006, p. 43)

Dessa forma, analisar como alguns autores que pesquisam e definem as apropriações, localismo e sentimento de pertencimento permitirá que, junto com os temas abordados nos capítulos anteriores, seja possível discutir o objeto dessa pesquisa.

Para Magnani (1996) a apropriação vem do sentimento de propriedade onde o indivíduo, em *tribo* ou não, sente-se proprietário do *pedaço* por um vínculo já existente como família, sociabilidade, procedência, vizinhança onde os elementos simbólicos como gostos, orientações, valores, hábitos e modos de vida semelhantes são essenciais nesse processo.

Assim, Costa; Pires (2006) identificam que as vestimentas, além de serem elementos de identificação dos grupos, são desafios de forma de poder, uma forma de estabelecimento de dominação/ocupação dos locais freqüentados.

Na visão Brandão (2012) o conceito de apropriação como a transformação do espaço e equipamentos urbanos e públicos em espaço privativo de um único grupo ou *tribo*.

Já Matta (1997) entende a apropriação como tornar espaços na rua em sua “casa” ou seu “ponto” por parte de grupos de pessoas ou categorias sociais.

Apropriar-se é estabelecer um direito de posse do *espaço* que gera sentimento de pertença, localismo, territorialização e hierarquização (OLIC, 2010).

No caso do localismo citado por Olic (2010), o autor o define como um enraizamento espacial, uma forma de apropriação onde determinada *tribo*, utilizando-se de sua condição de ser formada por moradores da região onde se situa o *espaço*, possui um maior sentimento de pertença e com isso maior direito a posse do mesmo podendo permitir ou não a permanência ou não de outros usuários que não sejam da *tribo*.

Dessas formas de apropriação por parte dos usuários dos espaços, Aragão (2013), identifica que a identidade com os grupos que os frequentam e com o próprio local, desperta um sentimento de pertença a ambos, o que lhe confere o direito de exercerem seu “domínio” do *espaço*.

Esse sentimento de pertença tem ligação direta com o tempo que as *tribos* se apropriam e ocupam o lugar quando comparado com outras *tribos*(BAPTISTA, 2017).

O simples fato de exercer um determinado comportamento em espaços urbanos e públicos por parte de um indivíduo ou seus grupos já é uma apropriação do mesmo segundo Basso (2002), porém são apropriações que acontecem de maneiras e intensidades diferenciadas.

E são por essas diferentes maneiras e intensidades nas formas de apropriações que os conflitos podem acontecer.

2.5 – O skate nas olimpíadas?

Nas olimpíadas de 2020 no Japão, o skate estreará como esporte olímpico e, discutir o skate nas olimpíadas vai além da discussão da esportificação, conforme de uma cultura corporal de movimento no entendimento de Bracht (2005) onde pensar a cidade e seus espaços, o lazer e suas dialéticas, a própria história do skate nos remete a um pensar sobre as relações sociais no meio urbano e a complexidade de interesses, valores e normas que as regem bem como as dinâmicas que as modificam constantemente.

A cultura corporal de movimento é entendida a partir do conceito de Bracht (2005) como qualquer movimento corporal com ou sem fim específico. Dessa forma, toda manifestação corporal é entendida como uma cultura corporal de movimento e que em determinadas culturas possuem significados distintos. Exemplos claros dessas manifestações são as danças, as festividades, os rituais religiosos ou não, todos são estabelecidos através de movimentos corporais construídos e transmitidos ao longo da história.

Para entender o skate como uma cultura corporal de movimento é necessário que sua origem seja analisada, onde a prática de outra modalidade, o surf, foi o precursor da modalidade.

O skate nasce da vontade de praticantes de surf, na década de 1960, de praticarem algo similar ao surf nos dias *flats* – sem ondas. Assim o skate, em

seu surgimento, reproduzia no asfalto os movimentos que surfistas faziam nas ondas. Movimentos estes que não tinha nenhum tipo de sistematização ou regras, muito menos a intenção de demonstrar desempenhos superiores de outros praticantes, apenas a diversão e a fruição, características principais nas culturas corporais de movimento.

Para Dunning: Elias (1992) o processo de esportificação de uma cultura corporal de movimento tem como objetivo normatizá-la através de sistemas e regras que determinam o controle da prática baseada em valores civilizatórios estipulados na sociedade urbana.

Assim como, da proibição de sua prática em 1988, na cidade São Paulo, e conseqüente movimento em prol da construção de espaços urbanos e públicos destinados a prática do skate o tema da esportificação gerou e gera até os dias atuais inúmeras discussões acerca dos pontos positivos e negativos desse processo (OLIC, 2014).

A prática do skate é essencialmente urbana e sua relação com a cidade é o que garante, para alguns praticantes da modalidade, a *essência skatista*, o espírito *for fun*, onde o descompromisso com desempenho e a possibilidade criar e recriar o “andar” de skate é o que o diferencia dos esportes tradicionais (BRANDÃO, 2011).

A criação de pistas e espaços específicos para a prática do skate, sua esportificação e conseqüente inserção nos jogos olímpicos significava a “morte” do skate de verdade. Civilizar o skate o tiraria da condição de marginalizado e seus praticantes sairiam da classificação de *outsiders* a que Becker (2005) definia como os indivíduos que agiam através de comportamentos desviantes.

Mas, como na visão Pais (2004) onde alguns praticantes pertencentes a *tribo* do skate com formas de convivência, sentimento de pertença e identidade e interesses em comum, podem aceitar, de forma submissa, as normas vigentes da sociedade a fim de não serem percebidos o que traria para a *tribo* visões diferentes acerca da questão.

Assim, dois conflitos internos são identificados, inicialmente na história do skate: o de aceitar ou não o direcionamento de sua prática a espaços urbanos e

públicos específicos e sua esportificação e conseqüente inserção nos jogos olímpicos.

Manter a *essência skatista* significava, aos praticantes contrários ao processo de normatização e esportificação, a característica de contracultura do skate, onde Brandão (2011) a define como o questionamento das instituições, valores e costumes de uma época.

De prática transgressora e avessa às ordens sociais o skate ganha um novo formato, agora civilizado e normatizado e passível de comercialização, de profissionalização do esporte e do atleta e até mesmo como transformador social. Com isso o skate passa a ser dividido entre *pistoleiros* – os que aceitavam a esportificação e a limitação de espaços à prática do skate e os *streeteiros* – os que não aceitavam a morte da *essência skatista*, da prática com o intuito único de diversão, o estilo *for fun*. (OLIC, 2010).

O desequilíbrio entre *streeteiros* e *pistoleiros* nunca foi um conflito que prejudicasse o skate como um todo, pois a característica de luta pelos direitos da *tribo* ainda superava essas visões divergentes. Quanto à esportificação, também já se conseguiu o equilíbrio necessário para atender tanto os praticantes que não visam a profissionalização da modalidade quanto os que almejam “viverem” e se “sustentarem” economicamente do esporte. (HONORATO, 2004)

No caso do processo de inserção do skate como esporte olímpico, o principal fator colocado como preocupante, por parte das associações e federações e seus skatistas representantes da, agora, categoria era a de perderem o controle da modalidade para “não-skatistas” que gerenciariam o skate sem o devido reconhecimento. Para tal situação a ISF – International Skateboarding Federation e, no Brasil, a CBSK – Confederação Brasileira de Skate, impuseram ao COI – Comitê Olímpico Internacional e ao COB – Comitê Olímpico Brasileiro que só aceitariam a inserção do skate nas olimpíadas caso as entidades aceitassem a gerência da modalidade por parte das entidades representantes da modalidade. Essa decisão gerou polêmica entre as entidades visto que a idéia inicial do COI era de submeter o skate a UCI – Union Cycliste International que representa as modalidades olímpicas de ciclismo.

Nessa situação a posição de alguns skatistas envolvidos no processo foi fundamental para tal resistência:

O skate, pelo seu histórico e metodologia de se organizar, dependendo mais da iniciativa privada, tem menos entidades regulamentadoras (associações, federações, confederações) do que os esportes tradicionais [...] não existe uma federação ou confederação europeia, asiática ou africana, ou ainda, das Américas. Portanto, se as entidades de skate não se unirem e fundarem sua federação continental, não será possível cumprir esta regra do COI (VIEGAS, 2012, p.57).

Para a CBSK o skate somente deve ser incluído nas Olimpíadas se o controle das regras, administração, arbitragem e fiscalização estiverem a cargo de skatistas. A confederação não aceita uma entidade internacional que não seja formada e gerida por skatistas para a tarefa de tornar o skate um esporte olímpico. Portanto a CBSK apenas apoiaria o skate nos Jogos Olímpicos se a ISF fosse encarregada da tarefa (Marcelo Santos citado por (VIEGAS, 2012, p.57).

Por ter nascido na contracultura (e permanecer nela, pelo menos em diversos aspectos) e ter esse respaldo da juventude, o skate pode injetar nas Olimpíadas um elemento que os americanos chamam de 'cool factor'. O skate é legal, é 'cool', e, segundo Tony Hawk, as Olimpíadas precisam disso (VIEGAS, 2012, p.57).

Para o skatista profissional estadunidense Tony Hawk, "os Jogos Olímpicos precisam mais do skate do que o skate precisa dos Jogos Olímpicos" (VIEGAS, 2012, p.57).

Qualquer que seja o caminho que o skate tome, o fato é de que ele ultrapassou a barreira do "marginal", "agressivo", "anti-social" e "rebelde" para o "civilizado", "transformador social" e "profissional".

CAPITULO 3 – O SKATE NA PRAÇA

Foram 14 dias de pesquisa de campo onde freqüentei, em horários e tempos de permanências diferentes a cada dia, nove espaços públicos de lazer sendo um centro esportivo, dois parques e seis praças definidos por um recorte geográfico (vide mapa) visando atender uma delimitação espacial compreendendo o centro da cidade de Vitória-ES.

O primeiro momento da pesquisa foi mapear os espaços identificando sua história, seus horários de funcionamento, caso existissem, suas características físicas bem como os equipamentos existentes em cada um dos locais.

As histórias desses espaços desde suas concepções, modificações até os dias atuais estão diretamente ligadas à história do centro de Vitória e os diversos acontecimentos sociais, econômicos, culturais, políticos ocorridos ao longo de seus 467 anos, comemorados no ano de realização desta pesquisa.

Do Parque Tancredo de Almeida Neves, popularmente chamado de Tancredão até o Parque Municipal Gruta da Onça, distantes entre si, aproximadamente, cinco quilômetros encontramos o Parque Moscoso, a Praça Misael Pena, a Praça Ubaldo Ramalhete, a Praça Oito de Setembro, a Praça Costa Pereira, a Praça PIO XII e a Praça Getúlio Vargas.

Alguns pontos turísticos famosos como a Catedral Metropolitana de Vitória, O Palácio Anchieta, sede do governo estadual, O Mercado Municipal da Vila Rubim e locais tradicionais da história do Centro de Vitória como a Rua Sete, a Ladeira Dom Fernando, o Viaduto Caramuru e a Rua Gama Rosa situam-se dentro da delimitação espacial da pesquisa.

Cronologicamente as concepções dos espaços datam de épocas diferentes, entre 1911 a 1986, e suas localizações, características e equipamentos seguem abaixo:

1911 - Praça Oito de Setembro

Conhecida como “Praça Oito” foi chamada anteriormente de Cais Grande e depois de Cais da Alfândega devido a sua localização próxima ao Porto Marítimo de Vitória. Ganha o nome “Oito de Setembro” em homenagem ao aniversário da cidade de Vitória e em 1942 ganha o emblemático relógio de quatro faces instalado em uma torre no centro da praça. O relógio, até 1970, soava o hino do Espírito Santo a cada hora e sua origem possui duas versões: a primeira de que seria obra de um imigrante alemão chamado de João Ricardo Hermann Schorling responsável também pela construção dos relógios das localidades de Biriricas e Domingos Martins na região serrana do Espírito Santo; a segunda versão seria a de que o relógio teria sido adquirido na Bélgica pelo engenheiro Moacir Avidos durante sua gestão como prefeito da cidade de Vitória em 1928 e guardado em um depósito da Prefeitura da cidade de Vitória sendo resgatado pelo prefeito Américo Monjardim, na década de 40 onde teria sido enviado ao profissional João Ricardo Hermann Schorling, citado na primeira versão, apenas para restauração. A “Praça Oito” foi e ainda é palco de concentrações, protestos e manifestações populares.

Sua estrutura física é composta por bancos, árvores, pavimentação em pedras portuguesas e não possui nenhum tipo de equipamento específico para o lazer

1912 - Parque Moscoso

Conhecido anteriormente como Campinho situa-se na parte baixa da ilha da cidade de Vitória e era composto por terrenos alagados pela maré mesclada pelas águas do mar e pelas águas do mangue devido sua localização. Ganha o nome de Parque Moscoso quando da doação do espaço, pela União ao Estado, na gestão do Governador Jerônimo Monteiro, em homenagem ao Presidente da Província Henrique Moscoso. O local era o berço dos encontros da sociedade capixaba com vasta vegetação, lagos, quadras de tênis e pássaros. Sofreu várias intervenções em sua estrutura ao longo de sua história sendo a principal

delas a remoção de espécies animais mantidas em cativeiro bem como a construção de uma Concha Acústica própria para a realização de espetáculos musicais e teatrais. Atualmente é composto por espaços destinados, principalmente às crianças e aos idosos e sua área foi totalmente cercada para sua preservação e manutenção.

Atualmente o parque possui áreas de lazer para crianças, adultos e idosos como brinquedos infantis, campo de futebol de areia, equipamentos para a prática de exercícios específicos para idoso, espaços para jogos de tabuleiros, cartas e dominó composto de mesas e cadeiras, espaço gramado para descanso, leitura, realização de piqueniques, etc. e a já citada concha acústica que permite a realização de evento musicas e teatrais. Possui também lagos, pontes, esculturas que conferem ao parque um ambiente “verde” em pleno centro urbano. Sua pavimentação possui grama, pedras portuguesas, areia e concreto.

1926 – Praça Costa Pereira

Antes de virar praça, o espaço era o local de uma pequena praia e sede de uma igreja dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Após alguns aterros, o local ficou conhecido como Largo da Conceição e a demolição da igreja, durante a gestão de José de Melo Carvalho Muniz Freire, foi necessária à construção do Teatro Melpômene. Em 1926 o engenheiro Moacir Avidos transforma o Largo em Praça e lhe dá o nome em homenagem a José Fernandes da Costa Pereira Junior que foi presidente da Província do Espírito Santo em 1863. Ao seu redor encontram-se os Teatros Carlos Gomes e o Cine-Teatro Glória e, assim como o Parque Moscoso, a Praça Costa Pereira foi um local importante para a cultura capixaba sofrendo várias intervenções até os dias atuais em seu paisagismo e equipamentos.

A praça já contou com uma feira de artesanatos e comidas artesanais nos fins de semana. Atualmente possui árvores e bancos e é utilizada como meio de conexão com outros espaços, não possuindo nenhum equipamento específico para o lazer e sua pavimentação é uma mescla de pedra portuguesas e concreto. A presença de pessoas “morando” na praça é uma realidade do espaço.

1945 – Praça Misael Pena

Conhecida no século 20 como a Praça do Quartel, devido a existência do Quartel da Polícia Militar no local. Foi sede da Estação Rodoviária da cidade de Vitória até a década de 80. Uma curiosidade do local, enquanto Praça do Quartel é que o comércio local funcionava até as 20h sendo que seu encerramento diário era anunciado por um foguetão que era disparado no meio da praça. Em 1982, o prefeito da Cidade de Vitória, Carlos Von Schilgen, desativa a Estação Rodoviária do local e inaugura um jardim na área rebatizando o espaço como Praça Misael Pena em homenagem ao escritor Misael Ferreira Pena. Localizada próximo ao Parque Moscoso, ao Colégio Americano Batista de Vitória, ao Clube Vitória, ao Quartel do Corpo de Bombeiros de Vitória que depois tornando-se o Quartel da Polícia Militar de Trânsito e ao Centro Social do Comércio foi um local de grande importância cultural e social para a cidade de Vitória. Assim como o Parque Moscoso, sofreu intervenções em sua estrutura e, atualmente, contempla equipamentos de lazer destinados às diversas faixas-etárias e áreas de paisagismo.

A praça não possui muros ou cercas em seu entorno e com isso não existe controle quanto a seu horário de funcionamento. Sua pavimentação em placas de concreto mistura-se a grama, espaços de areia onde estão os brinquedos infantis, uma quadra poliesportiva e uma área destinada a prática do skate e outros esportes como patins e BMX Freestyle.

1955 – Praça Presidente Getúlio Vargas

A Praça Getúlio Vargas foi criada em homenagem ao Presidente da República Getúlio Vargas e sua localização, mais próxima do Parque municipal Gruta da Onça. De frente para o mar, possui uma vista encantadora da baía de Vitória e do Porto de Capuaba em Vila Velha e um de seus lados faz frente com Avenida Princesa Isabel, onde situavam-se comércios, cinemas, bancos e outros comércios. Possui dois monumentos históricos: a estátua de Getúlio Vargas, esculpida por Leonardo Lima, com sua Carta-Testamento e a “Lei de Deus” esculpida em dois painéis em mármore branco com a descrição dos dez mandamentos .

Atualmente a praça possui duas áreas específicas para o lazer e para a prática de exercícios físicos: uma específica para idosos e outra específicas para cães

– como um playground, sua pavimentação em concreto, seus bancos e árvores compõem um cenário onde percebe-se um grau de depreciação e falta de manutenção Assim como a praça Costa Pereira, o espaço serve como meio de conexão entre outros espaços e moradia de pessoas.

1964 – Praça Papa Pio XII

Inaugurada em 1964, pelo prefeito da Cidade de Vitória, Solon Borges Marques, em homenagem ao Papa Pio XII da Igreja Católica. Assim como a Praça Presidente Getúlio Vargas, sua localização tem vistas para a baía de Vitória e com uma proximidade a Praça Costa Pereira.

Um espaço que se confunde com uma larga calçada onde nenhum tipo equipamento específico para o lazer existe bem como a ausência de árvores e bancos fazem com o que a praça possua apenas a função de ligação entre os locais ao entorno. Sua pavimentação de pedra portuguesa apresenta-se degradado e sem sinais de manutenção.

1966 – Parque Municipal Gruta da Onça

Parque constituído de Reserva de Mata Atlântica localizado no Morro do Vigia, região central da ilha da cidade Vitória, seu nome origina-se de uma lenda onde uma onça protegia uma fonte de águas límpidas de possíveis invasores do espaço.

Em 1988, na gestão do prefeito da cidade de Vitória, Hermes Laranja, o parque foi reestruturado quanto à sua classificação ambiental e, assim, permitindo o turismo consciente do local através de suas escadarias e ladeiras.

O espaço conta com estrutura de auxílio às íngremes rampas e escadarias existente no local, como corrimões e guarda corpos e sua característica principal é de ser uma área de preservação ambiental onde situa-se uma sede do parque com o oferecimento de passeios guiados.

Sua posição geográfica e sua altura em relação ao nível do mar, ao final da trilha permite contemplar parte da cidade de Vitória, a Baía de Vitória e adjacências.

Não possui diretamente equipamentos específicos para o lazer e suas escadarias são em concreto até um certo ponto da trilha que também possui pisos rochosos, arenosos e de vegetação rasteira.

1975 – Praça Ubaldo Ramalhete Maia

Já foi a sede da Prefeitura da cidade de Vitória em 1920. Sua localização, entre o mar e parte alta da cidade de Vitória ganhou este nome em homenagem ao advogado, político e interventor federal Ubaldo Ramalhete Maia que também contribuiu com a reorganização, em 1909, da Biblioteca do Estado abandonada em 1897. Nela há um monumento em bronze, esculpida por Euclides Fonseca, de uma estátua de um homem com o torso nu e o martelo na mão representando o trabalhador braçal e sua labuta.

A praça conta com uma quadra poliesportiva, bancos e mesas destinadas aos jogos de tabuleiro, baralho e dominó bem como árvores e bancos. Situada em meio a ruas movimentadas do centro de Vitória seu espaço é utilizado de forma plural entre usuários dos equipamentos e pessoas que por ali transitam como meio de ligação para outros espaços. Sua pavimentação em concreto mesclado com pedras portuguesas mantém o padrão das praças próximas.

1986 – Parque Tancredo de Almeida Neves, o Tancredão.

Conhecido como a primeira praça pública de esportes da cidade de Vitória o local tem seu nome oficial Tancredo de Almeida Neves, em homenagem ao ex-presidente do país. Sua concepção parte do arquiteto capixaba Carlos Alberto Vivacqua Campos que, em serviço do Governo do Estado do Espírito Santo, sob a gestão do então governador Gerson Camata, o parque é entregue à gestão da prefeitura da cidade de Vitória na gestão de Hermes Laranja. Sua localização em frente ao canal da baía de Vitória e próximo a Estação Rodoviária permitia que tanto moradores da cidade de Vitória, Vila Velha e Cariacica tivessem fácil acesso ao espaço que foi contemplado com equipamentos de esporte e lazer para todas as faixas etárias, dentro de um paisagismo e mobilidade inovadoras na capital. Em 2006, o parque passa por uma reestruturação transformando-se no Centro Esportivo Tancredo de Almeida Neves com áreas destinadas a

diversas modalidades esportivas seguindo padrões estruturais internacionais para sediar eventos esportivos amadores e profissionais bem como oferecer a população acesso as mais diversas modalidades de atividades esportivas, culturais e de lazer.

O “Tancredão” possui áreas esportivas específicas a diversas modalidades, estrutura de banheiros e vestiários e salas onde funcionam setores da secretaria municipal de esporte, lazer e cultura da prefeitura de Vitória.

Sua localização em frente à Baía de Vitória e próxima a Estação Rodoviária De Vitória não faz conexão com nenhum outro local diretamente e tão pouco possui residências e/ou comércios próximos.

Este espaço, assim como a Praça Misael Pena foram os mais utilizados em minha pesquisa devido a existência de equipamentos específicos à pratica do skate com a diferença na existência do horário de funcionamento bem como a presença de seguranças patrimoniais no espaço.

Mapeados os locais, a pesquisa segue para segunda onde freqüentei os espaços em dias e horários diferentes entre os meses de Dezembro de 2017 a Setembro de 2018. Através do método de pesquisa Observação-Participante GIL (2002) e também da coleta de dados através de entrevistas abertas foram identificadas as dinâmicas de utilizações e formas de apropriações desses espaços bem como possíveis conflitos oriundos dessas dinâmicas entre skatista com idades diferentes bem como os demais transeuntes

Como o recorte de minha pesquisa estava ligado diretamente à pratica do skate e os possíveis conflitos oriundos de suas formas de apropriação dos espaços utilizei a técnica de pesquisa “observação-participante” GIL (2002) e como sou praticante da modalidade, procurei inserir-me nos espaços como também usuário dos mesmos objetivando com isso uma maior aproximação às *tribos* MAFFESOLI (1998) em questão.

Como disse no início deste capítulo, minhas visitas começaram em Dezembro de 2017 e se estenderam até Julho de 2018. Estive nos locais em dias e horários diferentes e, nem sempre nos mesmos locais todos os dias de minha pesquisa. A escolha para que alguns locais fossem visitados, em dias e horários diferentes,

se deu por questões relacionadas à dinâmica de cada local e os espaços mais visitados foram aqueles em que existiam os equipamentos específicos para o lazer devido ao objeto central de minha pesquisa. Vale ressaltar que uma das maiores dificuldades em minha pesquisa foi compreender a dinâmica de alguns locais que não possuem horários definidos para sua utilização direcionando minha pesquisa a uma necessidade de investigar em horários diversos, inclusive nas madrugadas.

Minha primeira visita, ainda em Dezembro, depois de mapeado os locais e, conhecendo a dinâmica de funcionamento quanto aos horários foi num sábado nove de dezembro, de clima típico de verão pela manhã, onde comecei pelo “Tancredão” às 7h e pude perceber que já existiam pessoas no local, visto que o mesmo tem horário de funcionamento definido: segunda-feira a sábado de 6h às 22h e domingo de 6h às 18h. Basicamente estavam ali adultos e adolescentes utilizando o campo de futebol, que ao investigar descobri que era uma programação fixa dessas pessoas, aos sábados pela manhã, e crianças, acompanhadas dos pais, brincando nos equipamentos de lazer infantil.

Na piscina e no ginásio nenhuma atividade acontecendo, sendo que o ginásio já estava sendo preparado para uma competição de futebol de salão, que ao esperar o evento ter início me informei que seria um evento interescolar entre escolas públicas e privadas nas categorias infantil, entre 6 e 10 anos.

Na pista de skate apenas um adulto praticava o esporte de forma solitária que despertou meu interesse sobre tal fato. Ao questioná-lo sobre o motivo dele estar sozinho, seu argumento foi que ele estava aprendendo a andar e naquele horário, além de estar vazio, permitia-lhe errar sem muita “pagação de mico”, ou seja, passar vergonha. Justificou sua presença naquele horário também devido ao:

*...“tipo” de skatista que frequenta o espaço
nos horários mais tarde”.*
INTERLOCUTOR

Um “tipo” skatista adolescente rebelde o qual não lhe agradava dividir o espaço com eles. Percebi em sua fala uma mescla de insegurança e discriminação

quanto ao grupo ao qual ele se remetia. Ainda sobre o skatista solitário, o mesmo alegou a prática do skate como lazer e como um tipo de exercício físico que lhe ajudava a manter a “forma”.

Fiquei no “Tancredão” até às 10h quando me dirigi ao espaço delimitado na pesquisa mais próximo, o Parque Moscoso, onde o horário de funcionamento também é definido: terça-feira a domingo de 5h às 22h. Neste espaço existiam muitas crianças, acompanhadas dos pais, utilizando os equipamentos de lazer bem como o espaço físico com seu paisagismo para seu passeio matinal, uma espécie de “playground” do parque que foi apropriado pelos pais como o espaço ideal para o lazer, seguro, de suas crianças, de acordo com alguns pais que me relataram o que o parque significava para eles.

No parque existe também uma área destinada aos jogos de tabuleiro, principalmente dama, xadrez e dominó, onde, aproximadamente 20 idosos jogavam ou assistiam as disputas. As maiorias das disputas não envolviam apostas em dinheiro e, sim a permanência na mesa onde quem ganhava permanecia jogando e as duplas perdedoras eram substituídas. Tudo isso organizado de uma forma informal, respeitosa e funcional. Tal organizada era essa atividade dentro do parque que os jogadores já se conheciam, pois jogavam ali quase todos os dias e sabiam inclusive das mesas e assentos preferidos de cada jogador, numa espécie de cadeira cativa.

Os jogadores desse local, dentro do espaço, eram, em sua maioria aposentados, moradores antigos do centro da cidade de Vitória ou bairros adjacentes e tinham naquela atividade o objetivo de diversão, passatempo, lazer e de fazer novos amigos. Um dos idosos jogadores me relatou que o parque não seria o mesmo sem eles e que muito dos idosos também não teria como gastar seu tempo se não existisse o parque. Outro idoso disse conhecer o parque a mais tempo que os outros idosos ali presentes. Como a fundação data de 1912, fiquei curioso em perguntar sua idade, onde ele atestava possuir 96 anos. Não entrei no mérito da verdade de suas informações quanto à sua idade, mas percebi que ele conhecia bem a história do parque, bem como a história do local quando ainda era o centro econômico e social da cidade de Vitória corroborando com os dados registrados historicamente. Um fato interessante de um outro idoso é que ele se auto

intitulava o responsável pelos pombos que ali existiam, onde a alimentação dos mesmos era garantida com sua oferta diária de um cereal que os pombos adoram, a canjiquinha.

Alguns casais de namorados também aproveitavam o espaço para namorarem, fotografarem e curtirem o paisagismo do local, onde um casal me relatou que o parque era uma área verde dentro da cidade e que lhes remetia a uma exteriorização do urbano, promovendo paz e renovação física e espiritual.

Por volta das 11:30h sai do parque e fui a um espaço bem próximo, a Praça Misael Pena que, diferente dos espaços anteriores não possui horário de funcionamento definido e, acredito eu, devido ao horário próximo ao almoço e por ser uma praça que não possui muito paisagismo e sombra, proveniente das copas das árvores, o espaço estava quase vazio com apenas dois adolescente utilizando a pista de skate do local e uma senhora passeando com seu cachorro de estimação. Ao questionar os adolescentes, os mesmos me disseram que a pista fica mais cheia no final do dia, principalmente sextas e sábados. Quanto a senhora não obtive êxito em tentar abrir um canal de diálogo com a mesma.

Dessa forma, às 12:15h parei minha pesquisa para um almoço, próximo a dois outros espaços a serem pesquisados, a Praça Ubaldo Ramalhete e a Praça Costa Pereira. Almocei na “Rua Sete”, atualmente uma rua fechada para o trânsito de veículos e que possui lojas comerciais, bares, restaurantes e padarias. Como pesquisador não resisti e perguntei ao garçom do restaurante se ele trabalhava há muito tempo no local e se o movimento era sempre daquele jeito, visto que o restaurante estava com todas as mesas ocupadas. Ao me responder, o garçom, me relatou que aos sábados são as pessoas que moram ou que vem conhecer o centro, onde o mesmo citou a Catedral Metropolitana de Vitória, o Teatro Carlos Gomes e o Palácio Anchieta. Alguns também saem dos trabalhos nas adjacências por volta de meio-dia e procuram o restaurante para o almoço para depois dirigirem-se aos bares que tocam samba durante a tarde e a noite. O garçom relatou-me também que muitos moradores são idosos e que almoçam no restaurante todos os dias e que nos dias de semana, segunda a sexta-feira, o restaurante é freqüentado por pessoas que trabalham nas adjacências ou que estão de passagem pelo centro.

Terminando o almoço por voltar 13:30h direciono-me à praça Ubaldo Ramalhete onde crianças, onde não identifiquei se estavam, ou não, acompanhadas dos pais brincavam em uma quadra de esportes coberta parcialmente pela sombra de uma árvore. Nesta praça também existiam idosos jogando dama em um conjunto de mesas e cadeiras próprias para este tipo de jogo. Os dois idosos que ali jogavam relataram-me que são moradores da “cidade alta”, local denominado à parte alta do centro da cidade de Vitória onde se situa a Catedral Metropolitana, e que jogam nesta mesma mesa e nestes mesmos bancos há mais de 10 anos com outros parceiros que chegariam a qualquer momento, pois era sempre “após o almoço” que eles se reuniam para jogarem até aproximadamente às 18h quando já ficava perigoso ficar por ali. Nesta praça os equipamentos de lazer são menores, em quantidade, quando comparados com o “Tancredão”, o Parque Moscoso e a Praça Misael Pena, mas com uma dinâmica de utilização do espaço similar.

Às 15h chego na Praça Costa Pereira, onde existem bancos, sem mesas, paisagismo descuidado, árvores frondosas promovendo sombras e apenas motoristas de táxi, devido a existência de um ponto no local, transeuntes e muitos moradores de rua. A praça fica bem em frente ao Teatro Carlos Gomes e ao Cine Teatro Glória, famosos locais de apresentações culturais da cidade de Vitória. Os taxistas me relataram que a praça esta abandonada e que, antigamente, acontecia uma “feirinha” de artesanatos e alimentos no local, mas devido a insegurança, deixou de funcionar. Relataram também que o local é frequentemente alvo de ladrões que roubam os que estão de passagem pelo espaço, além dos moradores de rua que já fizeram da praça sua residência “fixa” fazendo ali suas necessidades, mantendo relações sexuais, utilizando drogas e álcool a qualquer hora do dia.

“...isso espanta qualquer cidadão do espaço e ninguém vê a praça como ela deveria ser vista.” INTERLOCUTOR

Quando tem evento nos Teatros as pessoas evitam passar pela praça para fugir dos incômodos dos moradores de rua que pedem ajuda financeira constantemente a quem ali atravessa.

Na Praça Costa Pereira não existe nenhum equipamento de lazer e não identifiquei, neste dia, alguma pessoa utilizando a praça que não sejam os já relatados anteriormente.

Saindo da Praça Costa Pereira vou à Praça Oito de Setembro, mais conhecida como Praça Oito, onde identifiquei ser um espaço de passagem com bancos e paisagismo em estado de conservação deficiente com calçadas rachadas, bancos quebrados e vegetação descuidada. Nesta Praça o que chama a atenção é a torre onde está instalado o Relógio, citado anteriormente, símbolo histórico da cidade. A praça liga duas avenidas importantes do centro de Vitória e está cercada por edifícios, em sua maioria comércios, escritórios e repartições públicas com um ponto de táxi em uma de suas laterais, lavadores de carro e nenhum morador de rua foram observados neste dia.

Ao sair da Praça Oito, direciono-me à Praça Papa Pio XII, aproximadamente 500 metros de distância entre os espaços. Nesta praça, também desprovida de equipamentos de lazer, apenas um escultura em homenagem ao Papa que dá nome à praça, espaço serve apenas de passagem de pedestres e conexão entre avenidas importantes do centro da cidade de Vitória. Sua posição geográfica permite uma bela vista da baía de Vitória.

Não existindo motivos para minha permanência neste espaço, percorro aproximadamente mais 500 metros e chego na Praça Getúlio Vargas que também situa-se geograficamente entre a região conhecida como Beira-Mar, em frente a baía de Vitória a uma das avenidas mais movimentadas do centro devido ao grande fluxo de veículos e sua conexão com outras regiões da cidade de Vitória além de outros municípios. Nesta praça identifiquei bancos sem mesas, paisagismo descuidado, árvores frondosas, assim como na Praça Costa Pereira e um escultura do ex-Presidente da República que dá nome à praça bem como uma escultura com “As Leis de Deus” que seriam os dez mandamentos bíblicos. Uma praça que também se caracteriza por espaço de passagem de pedestres com ponto de táxi, lavadores de carro, devido ao entorno da praça ser local de estacionamento regulamentado pelo município e alguns moradores de rua “instalados” na praça. Também não foi identificado nenhum tipo de prática de lazer dentro desse espaço no momento de minha primeira visita ao local.

Finalizando as visitas, por volta das 17h, estive no Parque Municipal Gruta da Onça, aproximadamente 700 metros da Praça Getúlio Vargas onde, para minha surpresa, ponto de atendimento ao visitante estava vazio e as informações, quanto ao seu funcionamento, não existiam. Arrisquei-me iniciar o trajeto por conta própria, mas não dei continuidade devido a falta de sinalização e sentimento de insegurança.

Minha segunda inserção nos espaços foi em Janeiro de 2018 em três momentos distintos: dia dezessete, uma quarta-feira à tarde, por volta das 14h onde meu roteiro de visitas seguiu a mesma ordem do meu primeiro dia de visitas e, por se tratar de um dia de semana e em horário comercial, a dinâmica de alguns espaços, principalmente as praças Ubaldo Ramalhete, Praça Oito, Costa Pereira, Pio XII e Getúlio Vargas estavam repletas de pessoas que as utilizavam, quase que em sua totalidade como espaço passagem e ligação aos espaços ao seu entorno. Apenas na Praça Costa Pereira a presença dos moradores de rua se mantinha próximo ao dia de sábado pesquisado, em número de pessoas, aproximadamente 12 pessoas entre homens e mulheres e nenhuma criança. No Tancredão algumas atividades esportivas, oferecidas pela prefeitura de Vitória estavam ocorrendo no ginásio e na piscina, mas não havia nenhum usuário nos campos de futebol de grama, na ciclovia e na área destinada ao skate. Neste dia tive a oportunidade de dialogar com um dos seguranças do espaço que me relatou que os campos e a área de skate são mais utilizados à noite nos dia de semana e que raramente apareciam usuários da área de skate no período vespertino, exceto nas sextas-feiras que aumentavam os números de usuários do espaço em questão. Aproveitei a oportunidade e o questionei quanto às possíveis conflitos no espaço e seu relato foi:

“Os “andadores” de skate às vezes querem andar de skate nessa área (aponta o segurança para uma área de circulação que liga a área destinada ao skate aos banheiros e bebedouros), mas eu oriento, com educação, que ali não pode. Problema mesmo com skate é quando algumas pessoas reclamam do cheiro de maconha lá perto da “rampa” (espaço destinado ao skate) achando que eu sou policial e tenho que

“prender eles”. Dá mais briga nos jogos de futebol e nos campeonatos de luta dentro do ginásio do que na “rampa” de skate. Fico de olho para não deixar os “andadores” andarem aqui (aponta novamente para a área de circulação que dá acesso aos banheiros e bebedouros). Segurança do “Tancredão”.

INTERLOCUTOR

Ainda neste dia fui ao Parque Moscoso onde existe um área específica com mesas e cadeiras repleta de idosos jogando seus jogos de damas, baralho e dominó. Alguns adultos acompanhavam crianças no “playground” e dois casais namoravam no espaço gramado do parque. Apenas uma pessoa, que não identifiquei ser morador de rua ou não, dormia próximo ao muro dentro do parque. Neste dia pude observar melhor a dinâmica dos jogadores que bem próximo do primeiro dia visitado, identifiquei alguns idosos novamente e pude concluir que essa área é de “exclusividade” de certos usuários e alguns rituais como sentar no mesmo banco, jogar com o mesmo parceiro e o tipo de jogo eram respeitados a ponto de não haver jogo caso alguma das duplas não estivessem com sua formação original. Não foi possível compreender como um “novo” idoso ganharia o “direito” de fazer parte da turma. Mas ao indagar um dos idosos, o mesmo me relatou que:

“Às vezes aparece uns caras aí querendo jogar, mas se a gente não conhece já fica logo “cabreiro”. Aqui todo mundo se conhece e todo mundo mora por aqui perto e tem uns amigos que vem de Santo Antônio (um bairro próximo) todo dia pra gente jogar”

INTERLOCUTOR

Ao sair do Parque Moscoso parei para comprar pipoca com um “pipoqueiro” que estava na frente da saída do Parque e, mais uma vez aproveitei a oportunidade para minha coleta de dados perguntando se o mesmo trabalhava na frente do Parque há muito tempo. O “pipoqueiro” me relatou que tinha 63 anos e trabalhava vendendo pipoca naquele local há mais de 20 anos e disse já ter visto de tudo um pouco no parque:

“Durante a semana vem grupos de escolas visitar o parque e eu aproveito pra vender minha pipoca e no final de semana vindo pras crianças que vem com os pais brincarem. É muita criança que mora nesses apartamentos e vem pro parque brincar. Tem os “velhinhos” que vem tomar sol com as “enfermeiras” e tem a “velharada” que gosta de jogar naquele canto (apontando pro espaço que tinham as mesas e cadeiras). Tem os “mendingos” que vem aqui tomar banho, dormir, ir no banheiro, ficar pedindo, mas logo os guardinhas vão em cima deles” INTERLOCUTOR

Do Parque Moscoso fui à Praça Misael Pena onde apenas uma criança acompanhada de um adulto brincava no “palyground” e na Praça Ubaldo Ramallete duas crianças jogavam futebol na quadra de esporte e dois idosos jogavam damas e diversas pessoas transitavam pela praça como forma de ligação a outros espaços ao entorno.

No Parque Municipal Gruta da Onça, por volta das 17h, novamente nenhuma pessoa no setor de atendimento ao visitante e devido ao horário, não me arrisquei a entrar.

Minha terceira inserção aconteceu num domingo pela manha onde começo minha pesquisa invertendo o itinerário utilizado nos dias anteriores. Iniciando pelo Parque Municipal Gruta da Onça identifico um grupo de jovens que iriam começar a trilha, mas o setor de atendimento ao visitante permanecia vazio. O grupo identificado era composto por 4 homens e 3 mulheres, sendo que apenas dois homens do grupo já conhecia a trilha. Pergunto se eu poderia acompanhá-los e prontamente fui “aceito” e começamos a trilha onde logo fui informado que eles iriam subir até o Morro da vigia e a Pedra do Urubu, ou seja, a trilha mais longa de aproximadamente 3 horas, sem guia. Descobri também que os passeios guiados por um “condutor ambiental” deveria ser agendada e assim eu teria acesso a outros espaços, informações e detalhes do parque. Ao subir encontro um grupo descendo e outro grupo subindo com os mesmos destinos do nosso grupo. Percebo que nenhum deles estavam acompanhados de

“condutores” e em nenhum grupo identifico equipamentos de segurança ou vestimentas e calçados específicos para trilhas, o que já me mostra a “tranqüilidade” de se completar o percurso. Quando indago ao grupo que estou acompanhando sobre os motivos da subida, os dois que já conheciam o parque relataram:

“A vista lá de cima é muito bonita, você sai completamente do urbano e passa por um pasto, parece uma fazenda e queríamos que nossos amigos também conhecessem o lugar” INTERLOCUTOR

Quando chegamos ao ponto mais alto da trilha, uma pausa para registros fotográficos e vídeos bem como um momento de olhares em 360° tentando nos posicionar geograficamente bem como identificar locais e pontos da cidade.

Os dois jovens que já conheciam a trilha eram moradores de Jucutuquara, outros 3 moravam em Maruípe e 2 moravam em Goiabeiras. Todos eram estudantes universitários da UFES do curso de Psicologia.

Terminamos a trilha por volta de meio-dia e, após me despedir e agradecer ao grupo passei pela praça Getúlio Vargas onde não havia nenhum usuário do espaço, apenas taxistas sentados no bancos próximo ao ponto de táxi.

Na praça Pio XII algumas pessoas de bicicletas conversavam e percebo que elas acabavam de encerrar um passeio ciclístico na Rua de Lazer que aos domingos de 6h Às 13h a prefeitura interdita uma das vias de rolamento desde o parque “Tancredão” até o final da Avenida Dante Michelini em Jardim Cambur, onde ciclistas, skatistas, pessoa caminhando ou correndo utilizam essa via para praticarem suas atividades. Aproximo-me do grupo e identifico que eram 3 homens e 2 mulheres, moradores do centro de Vitória que utilizam a “rua de lazer” para sua prática de ciclismo dizendo que o centro de Vitória:

“Tem muito morro e as ruas são apertadas para a prática do ciclismo, fora o perigo de ser assaltado. Só temos o domingo para praticar nossa “bike” e essa rua é excelente para praticarmos nossa atividade física da semana.” INTERLOCUTOR

Passando pela Praça Oito nenhum movimento no espaço, apenas os taxistas sentados dentro de seus carros aguardando alguma chamada para seus serviços.

Na Praça Costa Pereira novamente taxistas, os “moradores da praça” que identifiquei ser o mesmo grupo dos outros dias de pesquisa e algumas pessoas atravessando a praça pelas laterais, apressadas.

Na Praça Ubaldo Ramalhete, por volta das 14h, quatro adultos jogando futebol na quadra, algumas pessoas nos bares em torno da praça, pessoas transitando na praça não aparentando apenas o ato de passagem com fim de ligação para outros espaços. E alguns moradores de rua dormindo num dos cantos da praça.

Às 14:30h chego na Praça Misael Pena e duas crianças acompanhada dos pais brincam no “playground” e um adulto utilizando o espaço destinado ao skate. Minha intenção era “andar” de skate com o adulto que ali estava para buscar mais informações para minha pesquisa, mas ainda não tinha almoçado e minhas pernas ainda estavam doloridas da trilha no Parque da Gruta da Onça. Dessa forma, apenas parei para observar e ao indagar o “skatista” o mesmo me disse que:

“Venho aqui todos os domingos a tarde andar de skate. É tranquilo, quase não aparece ninguém. Só às vezes algumas crianças entram sem skate na “pista” para brincar de escorregador e eu já peço para sair para eles não se machucarem.” INTERLOCUTOR

Este adulto é morador do Parque Moscoso e disse ter mudado para lá há pouco tempo por motivos de que o aluguel estava dentro do orçamento dele e seu local de trabalho ficava próximo à sua residência.

Às 16h chego no Parque Moscoso onde crianças brincam, acompanhadas de adultos, idosos jogam seus jogos na área destinadas a essas práticas, famílias fazendo piquenique e uma roda de capoeira funcionava no espaço,

aparentemente em harmonia. Pergunto ao Segurança do local sobre possíveis brigas ou confusões dentro do parque e o mesmo me relata que:

“Rapaz, desde que trabalho aqui há mais de dois anos nunca vi nada sério. Às vezes alguém perde no jogo e reclama de que foi “roubado”. Outras vezes crianças brincando no parquinho arrumam confusão e se batem, mas os pais entendem. Só uma vez que um pais arrumou confusão com outro pais porque o filho dele queria o brinquedo da outra criança e “rolou” uma discussão, mas não “saíram na mão” não.”
INTERLOCUTOR

Perguntei ao Segurança sobre a presença de skatistas no parque e ele me disse que às vezes entram uns garotos com skate mas logo percebem que não tem rampa e vão embora.

Por volta das 17h chego no “Tancredão” com o skate na mão e já identifico que o campo de futebol está cheio de garotos jogando futebol, algumas crianças andando de bicicleta pela ciclovia, acompanhada por adultos e a área destinada ao skate tinha 14 skatistas (5 mulheres e 9 homens entre 16 e 30 anos), 3 ciclistas (3 homens entre 15 e 18 anos) e 5 patinadores (4 mulheres e 1 homem entre 10 e 16 anos). A área estava repleta de praticantes sendo que o parque fecharia às 18h. Dos ciclistas não percebi nenhum adulto que os acompanhava, estavam usando um espaço que os skatistas não estavam e por volta das 17:30h eles foram embora. Os patinadores, em sua maioria crianças estavam todos juntos, andando no espaço, dentro da área de skate, onde não havia skatistas e nem ciclistas e acompanhados de adultos. Dos 14 skatistas, 6 estavam juntos e 8 estavam em duplas e os 6 que estavam juntos (2 mulheres e 4 homens) eram os mais “agitados” pois estavam num canto da pista com sua “caixa de som” portátil ouvindo “rap”. Aproximo-me do grupo alegando não conhecer o horário que fecha o “Tancredão” e eles me disseram que já estava fechando e que logo os “guardinhas” viriam expulsá-los de lá. Me chamaram então pra continuar o “rolê” na praças dos namorados (espaço de lazer localizado na praia do canto,

ainda em Vitória, mas longe do meu recorte geográfico de pesquisa. Alegaram que eles andam ali para depois irem para a praça que fica melhor à noite. Me prontifiquei e ir com eles ao espaço, mas otimitei que estava de carro e perguntei como eles iriam pra praça (visto que a praça ficava há aproximadamente 10 quilômetros de onde estávamos). Eles me respondera que iriam de ônibus. Embarquei com eles num ônibus em frente a Estação Rodoviária de Vitória em direção a Praça dos Namorados. Em momento nenhum me perguntaram se eu conhecia o local ou daonde eu era e quem era eu. Chegando na praça fomos direto ao espaço onde mais de 100 skatistas dividiam um espaço de aproximadamente 50 metros de diâmetro com piso acimentado e cercado por uma estrutura de ferro separando os diversos espectadores dos skatistas e patinadores. Percebi nesse espaço um ordem de utilização dos equipamentos baseados em um organização por “fila invisível” onde cada praticante tinha sua vez de utilizar os equipamentos afim de tentar sua manobra sem nenhum tipo de conflito quanto a essa organização e com um momento de “êxtase” geral quando algum skatista ou patinador acertava uma manobra mais complexa ou que o mesmo estava tentando há tempo, sem êxito. Fico ali até aproximadamente 19:30h e já não vejo mais os skatistas que me convidaram ao local. Consigo alguns relatos de outros skatistas que me disseram não ter nenhum interesse no “Tancredão” devido a insegurança e a dificuldade de acesso ao local. Confirmando ser ali na praça o local dos “streeteiros”. Apesar da Praça dos Namorados possuir também um outro equipamento destinado ao skate, ciclismo ou patins, chamado de “Bowl” (um espaço em forma de bacia) os skatistas disseram que o bowl é dos “liners” (patinadores) e que a área do skate é aquela ali (apontando para o espaço que estávamos). Termino esse dia de pesquisa voltando ao “Tancredão” utilizando um aplicativo de transporte pago onde encerro o dia de pesquisa.

Em minha quarta inserção de pesquisa, numa segunda feira comecei pelo “Tancredão” onde os campos de futebol estavam sendo utilizados por adultos, que pelos uniformes utilizados, identifiquei que eram jogos agendados conhecidos como “pelada oficial da segunda”. O ginásio estava fechado, pois as atividades daquele dia já haviam encerrado. A ciclovia estava vazia e a área destinada ao skate, patins e ciclismo possuía 4 skatistas adultos realizando

suas manobras sem nenhum tipo de música e apenas conversando entre eles. Chego com meu skate e começo a andar e cumprimento-os apenas com um “balançar de cabeça” peculiar dos praticantes de skate que não se conhecem. Após uns 20 minutos de “rolê” um dos skatista me questiona se eu era dali. Respondo que não, que eu estava de passagem e que morava em Vila Velha. Ele logo rebate: “nunca vi você por aqui nas segundas”. Percebo então que eles andavam sempre às segundas-feiras e a partir desse primeiro contato descubro que são 4 adultos entre 25 3 35 anos, moradores do centro de Vitória, que trabalham nos finais de semana com eventos gastronômicos (sem especificar) e que só tinha as segundas-feiras livre para andar de skate e que era um dia tranquilo pois não aparecia ninguém para andar com eles. Durante a conversa identifico que eles já se sentem “donos” do espaço nas segundas e como só eles andavam ali fica fácil saber que não era dali. Um dos skatistas relatou que:

“Assim como os caras tem a “pelada da semana” (partida de futebol semanal), nós temos o “rolê” da segunda.” INTERLOCUTOR

Saio do “Tancredão” às 20h e passo pelo Praça Misael Pena onde apenas dois adolescentes andam de skate na área destinada para tal. Tento um aproximação, sem sucesso e logo os dois abandonam o local.

Na Praça Ubaldo Ramalhete o movimento de pessoas circulando apenas como forma de ligação entre outros espaços era intenso assim como nas Praças Costa Pereira, Praça Oito e Pio XII e Getúlio Vargas. Apenas na Praça Ubaldo Ramalhete havia um grupo de adolescentes jogando futebol na quadra da praça e algumas pessoas freqüentando um bar próximo a praça. Na outras praças nada de diferente do já identificado em outros dias de pesquisa.

No quinto dia de minha pesquisa, Sábado, dediquei meus olhares apenas a um espaço: o “Tancredão”. Optei por esse espaço devido a existência de uma área específica à pratica de skate, patins e ciclismo onde procurei ao longo do dia observar, interagir e compreende a dinâmica de utilização daquele espaço dentro do complexo esportivo como um todo.

Ao chegar às 7h o espaço já estava aberto e neste dia aconteceu uma disputa de lutas, no estilo MMA(MixedMartialArts) onde lutadores de várias modalidades, idades, localidades e graduações ocuparam o ginásio e as estrutura ao entorno do mesmo. O evento, de porte médio, modificou a dinâmica do espaço, pois haviam ali vendedores ambulantes, espectadores, familiares dos competidores somados aos grupos do futebol que joga aos sábados bem como famílias que visitavam o espaço a partir do evento de lutas e alguns skatistas já estavam na área direcionada a eles. Fiquei no “Tancredão” até às 18h onde pude presenciar que além dos skatista, patinadores e ciclistas utilizavam a área dos equipamentos específicos à prática do skate bem como diversos espectadores do evento de lutas visitaram a área e dispenderam momentos longos observando os usuários do espaço desenvolverem suas manobras e quedas. Alguns espectadores mais comunicativos pediam para andarem no skate dos skatistas e tirem fotos dando a impressão que o que ali acontecia era uma novidade. E era mesmo! A maioria dos espectadores/atletas que estavam no complexo do “Tancredão” por causa da competição de lutas eram de localidades interioranas do estado do ES e sul da Bahia o que explica o comportamento citado acima que foi prontamente atendido pelos skatistas sem nenhum tipo de conflito ou resistência.

Neste dia pude constatar que a dinâmica do local não era tão atípica assim, pois os relatos dos skatistas que ali estavam deixou claro que eles estavam acostumados com isso:

“Sempre que tem campeonato no ginásio vem um monte de gente, criança, idoso pra olhar a gente andar aqui. Eles acham que somos profissionais ou que somos diferentes deles e pedem pra tirar foto, ensinar a andar de skate, mas tem uns pais que não deixa seus filhos ficarem aqui olhando. Parece que somos alienígenas ou que o filho dele vai morrer aqui. É um desespero só!” INTERLOCUTOR

Ao final do dia passaram pelo espaço de skate aproximadamente 53 skatistas, sendo 16 mulheres e o restante homens, adultos e adolescentes e não

identifiquei nenhum tipo de conflito, apenas a questão de que o lugar deles era naquela área e eles só saíam dali para utilizar os banheiros e os bebedouros, mas sempre com o skate na mão, devido a proibição do “andar de skate” nesse trajeto.

Em meu sexto dia de pesquisa de campo fui aos espaços abertos após as 22h visando identificar as atividades que neles aconteciam. Os espaços que possuem horário de funcionamento definido não foram visitados nesses dias. Comecei pela Praça Getúlio Vargas onde moradores de rua e taxistas utilizavam o espaço e apenas 3 pessoas, num período de 30 minutos, utilizaram a praça como meio de ligação entre as avenidas ao entorno. Na Praça Oito taxistas aguardavam em seus carros por chamadas por seu serviços e nenhum usuário no espaço em questão. Na Praça Pio XII pessoas transitavam pelo espaço como meio de conexão com outros espaços e na Praça Costa Pereira, taxistas e moradores de rua utilizavam a praça, os primeiros sentados em bancos em frente aos ponto de táxi e os segundos deitados ou sentados em seus lugares de sempre quando comparado com outras visitas ao local. Na Praça Ubaldo Ramallete, já por volta das 23h apenas moradores de rua utilizavam o espaço como sua “residência”. Na Praça Misael Pena dois skatista utilizavam o espaço e aproveitei para questioná-los sobre eles estarem utilizando o espaço naquela hora e dia. O relato de um deles foi:

“Esse horário é mais tranquilo, não tem os “velhos” e nem os “pirralhos” atrapalhando a gente e a gente sempre vem depois das 22h e anda até meia-noite. Moramos aqui perto e sempre que dá a gente vem.”

INTERLOCUTOR

Permaneci no espaço por mais alguns minutos, o suficiente para descobrir que os dois skatistas tinha 25 e 32 anos e moravam no centro desde crianças e para eles a construção da área específica para skate na praça em questão foi muito importante para eles poderem praticar o skate, pois nesse horário além do “Tancredão” já estar fechado apresenta a questão da insegurança também.

O sétimo dia da pesquisa foi escolhido para identificar a dinâmica dos espaços no período entre 23h e 5h, ou seja, de madrugada. Neste dia, assim como no

sexto dia, os espaços com horário de funcionamento definido não foram visitados.

Nas Praças Getúlio Vargas, Pio XII, Oito e Costa Pereira apenas os movimentos de taxistas, moradores de rua e pessoas utilizando os espaços como conexão para outros locais. Na praça Ubaldo Ramalhete o movimento de pessoas devidos aos bares e afins ao entorno do espaço estava intenso demonstrando a dinâmica da vida noturna boêmia do final de semana. Os moradores de rua também estavam lá como identificados em outros dias da pesquisa. Na praça Misael Pena nada registrado durante o período proposto para esse dia da pesquisa.

No Oitavo dia da Pesquisa o horário escolhido foi o vespertino, entre 12h e 16h onde no “Tancredão” apenas as atividades esportivas oferecidas pela Prefeitura Municipal de Vitória estavam acontecendo, nenhum usuário na área de skate bem como nos campos nos de futebol. Apenas a piscina e o ginásio estavam sendo utilizados pelas atividades acima mencionadas.

No Parque Moscoso crianças acompanhadas de adultos brincavam no playground, adultos e adolescentes descansavam nos espaços de sombra e grama, idosos jogavam seus jogos no espaço próprio para essa atividade.

Na Praça Misael Pena alguns adolescentes sentados conversando e nenhum na quadra de esporte e na área do skate.

Na Praça Ubaldo Ramalhete, pessoas transitavam entre o espaço como conexão para outros locais, alguns moradores de rua deitados próximo as paredes de estabelecimentos fechados, dois idosos jogavam dama e a dinâmica de fluxo de pessoas devido ao comércio ao entorno da praça.

Na praça Costa Pereira, pessoas transitavam entre o espaço como conexão para outros locais, alguns bancos possuíam pessoas sentadas, taxistas e moradores de rua em seus locais de costume.

Na Praça Pio XII e na Praça Oito apenas pessoas transitando entre os espaços como conexão para outros locais.

Na Praça Getulio Vargas, neste dia, além das pessoas transitando pelo espaço como meio de conexão, havia um grupo de religiosos praticando seu culto em plena praça. Munidos de microfones e caixa de som, os “dirigentes” do culto convidavam as pessoas a se juntarem ao grupo.

No Parque Municipal Gruta da Onça apenas moradores do entorno utilizam a primeira parte da trilha para acessarem suas residências e nenhum movimento de usuários do espaço como lazer.

No nono dia minha pesquisa de campo fica por conta do evento “O Dia Mundial da Criatividade”. Chancelado pela ONU o evento tem como objetivo principal divulgar a importância da criatividade e inovação nos diversos setores sócio-culturais e econômicos visando o empreendedorismo aliado ao desenvolvimento sustentável.

A oficina escolhida se deu pela proximidade com meu tema de pesquisa que abrange espaços públicos de lazer, também do Centro de Vitória-ES, apesar da oficina não ter seu foco só nessa região.

Agendada para iniciar às 13h, cheguei ao local às 12:45h e, para minha surpresa, fui o primeiro participante a chegar estando apenas os palestrantes na recepção do hostel onde os cumprimentei e também perguntei sobre a oficina e eles prontamente me orientaram a assinar a lista de presença, que continha 30 nomes inscritos, no balcão da recepção, porém não e identificaram como palestrantes. Como só eu havia chegado até o momento percebi que os palestrantes decidiam os rumos da oficina demonstrando certa falta de planejamento sobre o conteúdo.

O local designado para o acontecimento da oficina foi a sala de televisão do hostel: um lugar com sofás, poltronas e cadeiras despadronizadas, mas confortáveis. Logo contei e vi que não haveria lugar para todos os inscritos, fora os palestrantes. Dito e feito, alguns participantes sentaram-se no chão devido à falta de cadeiras. Situação que não causou nenhum tipo de incômodo para os participantes e muito menos para os palestrantes. A oficina iniciou-se às 13:15h

com 6 participantes e os 3 palestrantes que propuseram um formato de bate-papo para o momento, situação esta que foi aceita pelos participantes sem questionamentos.

O início da oficina foi feito através da auto-apresentação por parte dos palestrantes seguido das auto-apresentações por parte dos participantes e, que, durante as mesmas novos participantes estavam chegando, totalizando 20 ao final da oficina. Nas apresentações pude constatar que os participantes, em sua maioria eram da área da arquitetura, um engenheiro civil, um ambientalista, um historiadora mestre em Sociologia Política, que em sua apresentação descobri que se tratava de um componente do Grupo CEP 29, o qual eu também estava representando. E o detalhe, se deu pela presença de um indivíduo de nacionalidade francesa que demonstrou interesse pela palestra devido ao interesse por políticas públicas, porém o mesmo não explicitou sua formação e demais informações. Expressando-se relativamente bem na língua Portuguesa durante sua apresentação, limitou-se a isso até o final da oficina. Tentei abordá-lo ao final, porém o mesmo não demonstrou muito interesse em conversar e logo saiu do hostel em direção a Rua Sete (coincidentemente o encontrei lá depois).

Durante a oficina os palestrantes abriram o diálogo citando o que eles entendem como bem estar urbano pelo viés de mobilidade urbana, segurança, sentimento de pertencimento à cidade, áreas verdes e áreas comuns citando que existem índices para tal avaliação, mas não demonstraram quais, e usando a Dinamarca e a cidade de Medellín na Colômbia como exemplos bem sucedidos quanto a estes índices.

Utilizaram exemplos próximos para a crítica ao que não consideram um bem estar urbano os condomínios residências verticais, horizontais, com ênfase ao condomínio Colina de Laranjeiras e a Praia do Canto, que oferecem toda uma estrutura interna para seus moradores causando um isolamento social e com isso tirando o sentimento de pertencimento à cidade.

Fizeram comparativos dos locais acima citados com bairros periféricos, citando o bairro Consolação como exemplo, onde um dos palestrantes acredita existir um maior sentimento de pertencimento à cidade nesses locais do que nos que foram criticados. Neste momento um palestrante discorda, parcialmente, dizendo

acreditar que este sentimento de pertencimento no bairro periférico acontecer por questões necessárias como segurança e garantia de sociabilidade, mas que, para ele (palestrante que discordou), a cultura de um certo tipo de isolamento entre vizinhos se dá de igual maneira, independente da região, seja ela nobre ou periferia, e que isso já está enraizado na cultura de nossa sociedade.

Até o momento a única palestrante mulher pouco tinha se pronunciado e feito poucas intervenções.

Algumas críticas também foram apresentadas quanto ao despreparo dos órgãos públicos quanto às políticas públicas voltadas ao tema. Políticas essas que deveriam ser transversas e multidisciplinares prevalecendo o tecnicismo das profissões envolvidas no assunto e que, por muitas vezes, são ignoradas pelos gestores públicos. Neste momento pede a palavra uma participante que se identifica como arquiteta e que trabalha em órgão público. A participante em questão levanta a discussão sobre culpas e culpados, burocracias na máquina pública, o desinteresse dos profissionais, em especial os arquitetos, em se envolverem em questões políticas e apostarem seus projetos em prol do coletivo e de políticas públicas e levantou a questão de como promover o engajamento dos profissionais para tais fins (neste momento ouvi a primeira tentativa de “criar” algo para os problemas levantados, e nem foi por parte dos palestrantes que até então só estavam criticando). Mesmo quando dos exemplos da Dinamarca e da cidade de Medellin, não foi falado sobre quais soluções foram executadas para que as mesmas atingissem os bons índices relativos ao bem estar urbano. Voltando a participante que apresentou uma possível idéia de solução, a mesma também criticou a falta de harmonia e comunicação entre os órgãos de gestão pública envolvendo esferas estaduais e municipais e intramunicipais, apoiada pelo participante ambientalista que também citou, que por questões geográficas os municípios de Vitória, Serra e Cariacica não deveriam ser municípios independentes alegando um estudo sobre bacias hidrográficas mas sem explicar sobre o referido estudo.

O assunto da falta de planejamento e de uma política “pré-problemas” (palavras minhas) também foi discutido, onde os períodos de ação dos governantes são menores do que o período necessário para o planejamento, elaboração e

execução de um projeto onde a cada mudança de governantes os projetos são paralisados, modificados e/ou extintos. Alegaram que este tipo de comportamento é cultural e está atrelado às brigas de “egos” políticos.

Quase acabando a oficina e não percebi nenhuma apresentação de soluções criativas por parte dos palestrantes e, sinceramente, nem sei se eles foram ali para isso, pois não demonstravam nenhum interesse para tal e sim, apontar críticas às situações que me pareceram pontuais às histórias profissionais de cada um.

Em dado momento, próximo ao fim da oficina, uma participante pediu a palavra dizendo que estava residindo em Vitória há pouco tempo (não me lembro ao certo se eram 2 anos ou 2 meses) e que percebeu um potencial artístico e cultural na cidade quando comparado a São Paulo, sua terra natal, e que desde que chegou no Espírito Santo vem ouvindo dizer que o Centro de Vitória está ressurgindo mas que as políticas quanto às questões ambientais (lei do barulho) e os movimentos de moradores que criticam a existência de determinados estabelecimentos no centro de Vitória estão enfraquecendo esse ressurgimento. Neste momento alguns participantes e palestrantes concordaram com o que foi exposto e algumas falas criticando moradores que não querem este ressurgimento ou moradores de outras áreas que também não aceitam que “sua” rua, “seu” bairro seja palco de movimentos dos quais eles reprovam surgiram.

Já passado 10 minutos do horário combinado para o final da oficina um dos palestrantes se manifestou dizendo que era necessário encerrar e que o debate foi de grande valia para o tema em questão e que seria interessante que houvesse uma troca de idéia mais contínua sobre o assunto, mas sem apresentar propostas para tal idéia. Apenas disse que através da lista de inscritos irá transmitir, via email, as fotos que foram tiradas, por um fotógrafo do evento, durante a oficina bem como algum tipo de documento que possa registrar o momento.

No final da palestra tentei levantar as informações sobre como aquele palestrantes foram escolhidos para ministrar a oficina bem como a escolha do hostel para a realização da mesma. No caso dos palestrantes não tive êxito devido aos mesmos, ao final da palestra, estarem envolvidos com seus amigos,

sócios e demais pessoas próximas que não me permitiram acessá-los. No caso do hostel, a recepcionista não soube me informar quanto a informação que eu queria e me disse que o “gerente” poderia me ajudar mas que ele tinha dado uma “saidinha”. Percebi que os participantes eram, em sua maioria, arquitetos e que estavam em pelo menos duplas e, assim logo ao final da palestra saíram caminhando em direção a Rua Gama Rosa onde logo na rua já aparecia e chamava a atenção o “das pretas” que era mais um local escolhido pelo evento para a realização de outras oficinas.

Quanto ao entendimento, manifestação e a importância da criatividade nos projetos de bem estar urbano não ficou claro, por parte dos palestrantes que viés acadêmico eles utilizam me parecendo que o conceito de criatividade neste caso ficou muito próximo do senso comum de tecer idéias e elaborar estratégias que permitam que os entraves relacionados ao longo do texto e muito criticados por parte dos palestrantes e em especial pela participante arquiteta que trabalho em órgão público, sejam solucionados, mas nenhuma “solução criativa” foi apresentada e os casos da Dinamarca e da cidade de Medelin não foram apresentados de forma elucidadora.

Ao meu ver a escolha do Centro de Vitória se deu mais pela questão de ser a Capital do Estado e, como o evento ocorre em outras capitais, o padrão seja sempre de que o mesmo ocorra em capitais.

Aproveitando que a oficina ocorreu no centro de Vitória que também é o meu campo de pesquisa para minha dissertação aproveitei e passei pelos meus “espaços” pesquisados para verificar se algo de diferente ou atípico estava ocorrendo. Dentro dos “espaços” que pesquiso a praça Ubaldo Ramalhete era a mais próxima dos locais onde estavam acontecendo as oficinas. Quanto aos acontecimentos da praça nada de novo: crianças jogando bola na quadra, idosos jogando seus jogos nos conjuntos de mesas e bancos direcionados a esta prática, algumas pessoas curtindo seu momento “relax” nos bares da região, mas um único comentário feito por um senhor que estava na praça foi o suficiente para eu perceber o quão observador são os frequentadores assíduos do local. Sentei no banco da praça, ao lado desse idoso, para fazer umas anotações que me vieram à cabeça e “puxei papo” perguntando se ele estava sabendo que

estava acontecendo um evento chamado Dia Mundial da Criatividade ali na região e ele disse:

“não sabia não, bem que percebi um pessoal diferente, estranho passando por aqui. Não são pessoas que vejo aqui sempre”

Mas também não demonstrou interesse em saber do que se tratava o evento.

Na praça Costa Pereira e na Praça 8 tudo como sempre: pessoas sentadas conversando, mendigos, guardas municipais, taxistas, tudo fluindo dentro do padrão de observação dos outros dias de observação.

Percebi um movimento de interesse em conhecer a Catedral de Vitória por parte de um grupo de pessoas e tive a curiosidade de saber se eles estavam ali por questão do evento e os mesmo me disseram que sim, que são do município de Serra e fazia tempo não visitavam o Centro de Vitória e que estavam surpresos pela reforma da Catedral.

Não adentrei no Parque Moscoso e nem no Tancredão que são outros “espaços” da minha pesquisa por eles estarem fora da rota do evento de hoje.

Eventos como esse deveriam ter mais divulgação e até mesmo um planejamento para que outras esferas da sociedade pudessem interagir e assim propiciar um momento de interação maior bem como promover o centro de Vitória nos segmentos turísticos, econômicos, sociais e, principalmente, culturais.

No décimo dia de pesquisa, escolhi uma terça feira pela manhã, entre 9h e 12h, para visitar os espaços começando pelo “tancredão onde as atividades esportivas, oferecidas pela prefeitura, estavam funcionando no ginásio e na piscina. Nos campos de futebol nenhum movimento e na área de skate dois skatistas utilizavam o espaço. Algumas crianças, acompanhadas dos pais andavam de bicicleta pela ciclovia, mas sempre no percurso que não passava perto da área de skate que fica na lateral do complexo afastado dos outros equipamentos. Quanto aos dois skatistas que estavam utilizando o espaço para tal modalidade, dividi a área com eles “andamos” por volta de 1h juntos e durante nossas conversas eles me relatara que andam ali sempre que podem, são moradores de um bairro próximo e que tem muito skatista no bairro que não

freqüenta ali por medo e por que dá muita criança que atrapalha o “rolê” deles e que eles preferiam andar mais a noite quando não tinha criança. Ao questioná-los sobre o que as crianças atrapalhavam eles me relataram:

“As crianças vem brincar aqui como se fosse um escorregador e por causa do piso liso vem andar de bike, patins ou só correr mesmo e os pais nem ligam que tá atrapalhando a gente e que é perigoso pra elas. Se a gente reclamar eles acham ruim...falam que ali é de todo mundo.” INTERLOCUTOR

Saio do “Tancredão” e passo pelo parque Moscoso, praça Misael Pena, praça Ubaldo Ramallete, praça Costa Pereira, praça Oito, praça Pio XII, praça Getulio Vargas e não identifico nada de diferente dos outros dias de pesquisa. Apenas no parque municipal Gruta da Onça, encontro um grupo de alunos terminando o passeio, promovido pela escola e guiado por um funcionário do parque. Pergunto ao professor da turma se ele faz esse “passeio” sempre e ele diz que sim. Como professor de Geografia ele sempre planeja uma aula prática e traz os alunos no parque. O guia também relatou que isso acontece sempre com várias escolas e com grupos de universitários.

Outro sábado atípico, em meu décimo primeiro dia em minhas pesquisa de campo participei da “Maratona Empreendedora – Distrito Criativo de Vitória”. O evento em questão foi aberto ao público e seu objetivo principal era abrir um canal de diálogo entre os atores empreendedores do centro de Vitória-ES. Diálogo este que perpassava por questões públicas e privadas e suas influências no desenvolvimento histórico, cultural, comercial e político da região citada anteriormente e, delimitada por um dos interlocutores - representante da secretaria de turismo e cultura da prefeitura de Vitória-ES – como o espaço compreendido entre o Centro Cultura Carmélia Maria de Souza, localizada próximo a Rodoviária de Vitória-Es até a Gruta da Onça, distantes entre si aproximadamente 3 (três) quilômetros.

Agendado para iniciar as 14h, cheguei ao local as 13:50h e fui recepcionado por uma equipe responsável pelo credenciamento, que prontamente me entregou o crachá de identificação, o programa do evento e as informações para chegar ao

auditório onde aconteceria a palestra inaugural e demais atividades posteriores. Ao chegar no auditório sentei-me ao lado da Professora Manuela e ainda existiam cadeiras vagas que logo foram ocupadas existindo pessoas que assistiram a palestra em pé. Aproximadamente 100 pessoas estavam na palestra inaugural.

Antes de o evento começar a Professora Manuela me apresentou um dos organizadores – Felipe Ramaldes, integrante da Secretaria de Turismo da Prefeitura de Vitória-ES e ex-aluno do mestrado de Sociologia Política da UVV – e também conversamos sobre os GT's (Grupos de Trabalho) que estavam programados após a palestra. O evento começou as 14:15h com a fala de um dos organizadores e logo em seguida outros interlocutores também tiveram seus momentos de fala dando início ao evento com a apresentação de dados estatísticos sobre o comportamento do movimento turístico no centro de Vitória-ES onde os dados não estavam bem claros bem como os apresentadores dos mesmo, mostrando falta de planejamento e testes anteriores a apresentação e também conhecimento incompleto dos dados apresentados. Na sequência a palestra “Células Empreendedoras” com o professor Genésio Gomes da UEPE (Universidade Estadual de Pernambuco) foi enriquecedora quanto a um modelo de ensino voltado ao incentivo do empreendedorismo em âmbito acadêmico mas não consegui conectar diretamente a palestra com o evento visto que, por mais que a temática sobre empreendedorismo fosse o foco do mesmo, a palestra estava mais direcionada ao sistema educacional e a professores, que não eram maioria no evento.

Ao término da palestra fomos divididos em grupos, conforme o interesse nos GT's pré-estabelecidos, no meu caso o GT era de “Identidade local e Economia criativos” e direcionados às salas respectivas sob a orientação dos facilitadores, neste caso, a Estael e a Soraia, que nos orientaram quanto à dinâmica do GT. Dinâmica que foi estabelecida através da distribuição de papéis para que pudéssemos escrever sobre as “dores” neste caso entendidas como problemas, desafios, barreiras encontradas na temática do GT e posteriormente sugerir soluções para a “amenização” ou “cura” das dores citadas afim de estabelecermos um plano de ação para as questões apontadas.

O GT tinha aproximadamente 20 participantes, dentre elas arquitetos, artistas, empresários locais, estudantes de design, uma pessoa que reside no exterior, Amsterdam, mas que alegava ter uma relação íntima com o centro de Vitória, além do representante da Associação de Moradores do Centro de Vitória (AMACENTRO) . As falas aconteceram em forma de inscrição informal e na maioria delas os termos democrático, sentimento de pertencimento, descaracterização do centro, políticas de incentivo, cidadania e conflitos entre o poder público e o poder privado apareceram em maior quantidade e olhares e momentos de nostalgia romântica com o local foram demonstrados em diversas falas.

A preocupação da maioria dos participantes estava na organização e no incentivo das atividades culturais e econômicas no centro de Vitória afim de resgatar a imagem de importância do local bem como difundir as belezas históricas e as possibilidades de lazer e negócios ali existentes.

Infelizmente não fiquei até o final do GT onde as soluções seriam apresentadas mas pude perceber um conjunto de idéias que precisavam de organizações, direcionamento e, principalmente, liderança para que as mesmas pudessem ser elaboradas, programadas e colocadas em prática, tanto pelo poder público quanto pelo privado.

No décimo segundo dia de minha pesquisa, sábado, vou ao “Tancredão” através de um convite de um estudante de educação física que conheci através das redes sociais, mais precisamente o Instagram, onde num primeiro contato de minha parte vejo que ela tem um projeto social de skate, mantido pela igreja Batista, em São Pedro, um bairro próximo ao “Tancredão” e que alguns sábados ela fazia uma aula no espaço. O projeto social tem equipamentos próprios em seu espaço, mas trazer os alunos ao “Tancredão” era algo que quebrava a rotina bem como possibilitava os alunos a conhecerem novos espaços e também a questão de comportamento nos mesmos quanto ao uso coletivo, de acordo com a professora. Fui ao encontro e lá “andando” com os alunos do projeto, descobri que tinham três alunos que não eram do projeto e sim alunos particulares da professora em questão que faziam aula numa “skatestorepark” que é uma loja de artigos, acessórios e roupas de skate que também tem os equipamentos para

aulas de skate. Segundo a professora, ela sempre que faz o “aulão” no “Tancredão” convida os alunos “particulares” para que eles conheçam outros espaços e também se relacionem com os alunos do projeto e aprendam a se comportarem em espaços coletivos para que eles se sintam seguros e percebam que:

“...skate é diversão, é rua, é rampa, é pista, mas é coletivo. Tem que saber se comportar para não criar problema e curtir o “rolê” tranqüilo e também vê as manobras, vibrar com a galera. Skate é vida, é amizade, é alegria!” INTERLOCUTOR

Neste mesmo sábado estava acontecendo um evento esportivo no ginásio, os campos de futebol estavam sendo utilizadas, as ciclovias cheias de crianças, acompanhadas de adultos, andando em suas bicicletas e uma família fazendo um piquenique à beira da baía de Vitória. Cada um no seu espaço.

Em comemoração ao aniversário de 467 anos da cidade de Vitória, minha pesquisa já no décimo terceiro dia contempla um evento comemorativo chamado “Viradão Vitória” que movimentou exatamente os espaços de minha pesquisa. Com uma programação sob o viés musical e artístico, apenas duas atividades de lazer fisco esportivo, Capoeira e a Dança, foram contemplados na programação do evento.

O evento teve duração de 24 horas, sem interrupção, com diversas atrações ocorrendo simultaneamente nas Praças Costa Pereira, Ubaldo Ramallete, Oito de Setembro bem como no Parque Moscoso, Rua Sete de Setembro, Rua Gama Rosa, Teatros, Cinemas, Bibliotecas, Escola Técnica Municipal de Teatro, Dança e Música – FAFI, Museus e Galerias de Artes.

A essência do evento coloca em prática os assuntos que foram discutidos no Dia Mundial da Criatividade e na Maratona empreendedora – Distrito criativo de Vitória onde a idéia central é resgatar a importância do Centro de Vitória quanto à sua importância histórica, cultural e social.

Com uma programação voltada a cena cultural e artística de Vitória, o evento contou com a participação de artistas capixabas e com um público de várias

regiões da Grande Vitória que fez com que os espaços públicos de lazer utilizados em minha pesquisa fossem utilizados de formas e por pessoas diferentes do cotidiano de minha pesquisa.

Por se tratar de um evento de grande amplitude procurei freqüentar os espaços que estavam dentro do meu recorte de pesquisa.

A praça Oito e o Parque Moscoso foram os que mais e mostraram diferenças quanto à sua dinâmica, pois ali ocorreram eventos que em seu dia-a-dia não acontecem.

Este evento apresentou uma dificuldade quanto à pesquisa devido a intensidade de acontecimentos simultâneos e mesmo que se entenda a apropriação desses espaços, por seus frequentadores objetivando a busca pelo lazer, seja ele cultural, social, intelectual e artístico parto da idéia de que essa forma de apropriação difere em partes do que busco em minha pesquisa. Não descartando que essa apropriação gerasse conflitos, busquei entender esse conflito sob a compreensão dos usuários frequentes dos espaços que, nos dias do evento, viram-se e sentiram-se “invadidos” por usuários que provocaram um desequilíbrio ambiental nos mesmos.

Os usuários freqüentes desses espaços quando questionados nos dias do evento relataram que o evento é importante, mas que tira o “sossego” do local e que essas pessoas não se preocupam coma preservação dos espaços, deixando-os sujos e depredados.

Dessa forma o evento tem sua importância na contribuição quanto a divulgar o centro e seus locais históricos e seus atrativos culturais e artistíticos bem como seus espaços públicos de lazer, porém analisado sob a ótica das formas de apropriações e conflitos percebe-se um desequilíbrio entre usuários freqüentes desses espaços versus usuários “pontuais” que freqüentam os mesmos apenas em dias de evento. A diferença fica clara quanto a o sentimento de pertencimento de ambos os grupos.

O projeto Cidade Quintal tem como objetivo revigorar, reavivar espaços públicos históricos através da pintura e da arte. O espaço escolhido pelo projeto foi a Vila Rubim, local histórico e representativo do comércio do Centro de Vitória.

O Mercado da Vila Rubim, popularmente conhecido como Vila Rubim, é considerado um grande marco na economia capixaba. O bairro onde o espaço comercial situa-se levou o mesmo nome em homenagem ao Coronel Português Francisco Alberto Rubim, um dos governadores da capitania do Espírito Santo na década de 1800.

De acordo com o site www.legado.vitoria.es.gov.br da Prefeitura Municipal de Vitória:

“A Vila era o lugar mais animado de Vitória. Havia muitos clubes, gafieiras, grupos musicais e esportivos. Na rua São João localizavam-se as casas de prostituição”

Em 1994, devido a um grande incêndio, o Mercado da Vila Rubim é totalmente destruído e sua restauração aconteceu por volta de 2004 e desde então o espaço vem sofrendo intervenções de poderes públicos e privados afim de preservar, revitalizar e resgatar a importância social, cultural e econômica do local (OLIVEIRA, 2005).

Neste dia de pesquisa cheguei ao local por volta de 15h e, aproximadamente 200 pessoas prestigiavam o evento. A diversidade, quanto ao público, era a palavra que mais se encaixava para o evento: crianças brincando, adultos conversando e idosos sentados dentro e em volta do espaço mostravam uma Vila Rubim diferente de seu cotidiano. Uma tenda montada para apresentações musicais recebia, no momento de minha visita ao espaço, uma DJ (disc-jóquei) que embalava o evento com músicas nacionais e internacionais ao estilo Black Music.

Observo que o local, com as intervenções efetuadas pelo projeto, ganha um espaço que pode ser utilizado diariamente como um local de demonstrações culturais e artísticas bem como um local onde crianças podem brincar, além de criar um espaço de vivência interessante num local historicamente importante de

cunho econômico e que ainda preserva características peculiares como os artesanatos e os comércios específicos para adeptos da fitoterapia e de algumas doutrinas religiosas.

O estranhamento de ambas as partes foi expressivo e entendido, de minha parte, como natural, pois as *tribos* já formadas reconhecem-se pelas vestimentas, expressões corporais, linguagens e códigos específicos Maffesoli (1998) bem como o reconhecimento facial de que eu era um “estranho” no *pedaço de Magnani* (1996).

As convenções sociais também existem nas *tribos* e “*chegar na humildade*” com base na pesquisa de Pereira (2005) que identificou o termo como estar aberto as relações de trocas, não se expressar com arrogância e não adotar postura de superioridade, foi a minha primeira estratégia de aproximação com o grupo afim de fazer parte da *tribo*. Estratégia bem sucedida, no segundo dia de minha pesquisa de campo eu já estava “*trocando idéia*” - ato de conversar - com o grupo e identificando algumas situações:

(1) A *tribo* não possuía um número de participantes determinados. O que importava era, num primeiro momento, “andar” de skate. Posso dizer que identifiquei *tribos* menores ou *subtribos* dentro da grande *tribo* dos skatistas devido às outras formas de identificação diretamente ligadas às questões de identidade:

1.1 Vestimentas específicas onde a utilização de marcas próprias do *skatewear* - roupas e acessórios produzidos com a temática do skatistas - nacionais ou internacionais, assim como calçados específicos à prática do esporte demonstram seu estilo que pode ser entendido como alguém que “anda” de skate mas não “vive” o skate em sua essência, transformando-o em um estilo de vida onde o praticante demonstra em tempo integral que o skate é a coisa mais importante para ele, a chamada *essência skatista*.

1.2 Preferências musicais, de preferência Rap, Hip Hop e Punk onde as letras possuem caráter críticos ao sistema capitalista, às novas formas de vida em sociedade onde infrações e contravenções sociais, políticas, criminais são

exaltadas e estimuladas. Uma pequena parte prefere músicas eletrônicas ou *heavy metal* como *playlist* – lista de músicas programada em um dispositivo de áudio - num *rolê* – nome dado ao tempo dedicado a prática do skate.

1.3 Ser ou não usuário de drogas lícitas e/ou ilícitas também definem as *subtribos*, mas não as segregam. Utilizar ou não drogas, principalmente a maconha, é uma opção que não impede o bom convívio entre as *subtribos* e a utilização de cigarros e bebidas alcoólicas é uma prática normal, exceto para os que vislumbram carreiras competitivas em alguma modalidade do skate, os chamados *pistoleiros*. A utilização de drogas próximo aos espaços de prática do skate é comum e totalmente desinibida gerando indignação por partes de alguns praticantes, mas sem conflitos diretos quanto á essa prática e com pouca ou quase nenhuma repreensão por parte dos agentes fiscalizadores do espaço.

1.4 Preferências pelo estilo ou modalidade do skate, como vertical ou street. No skate a prática do mesmo em espaços como rampas, bowls, quarters, halfpipe´s e Banks são consideradas modalidades do “vertical” e dependem de estruturas e equipamentos específicos que, em minha pesquisa de campo, apenas o “Tancredão” e a Praça Misael Pena possuem esses equipamentos. A modalidade “street” pode ser praticada em espaços com equipamentos que simulam escadas, corrimões, calçadas, rampas de acesso, guias ou meio-fio, bancos, mesas, caixotes. Tudo que simular o ambiente urbano e seus equipamentos são entendidos como locais “manobráveis” e assim o *streeteiro* pode optar em praticar sua modalidade tanto nesses espaços como também nas ruas e em espaços públicos ou privados.

As manobras de cada modalidade são diferentes e há um entendimento, por parte da *tribo* skatista que o skatista de verdade é o *streeteiro* que utiliza da cidade e suas arquiteturas, espaços e equipamentos não direcionados ao skate como elementos de fruição, criatividade e desafios à sua prática.

Essa diferença entre as *subtribos* não ocasiona nenhum tipo de conflito direto, apenas uma divisão mediante aos interesses sobre a mesma prática.

1.5 Gêneros. O número de praticantes de skate do sexo feminino aumentou expressivamente nos últimos 10 anos, segundo pesquisa realizada em 2014 pelo

Instituto DataFolha na cidade de São Paulo. Esse aumento identificado na pesquisa reflete diretamente no aumento de praticantes do sexo feminino aqui no estado, tanto de forma amadora como de forma competitiva. A presença de praticantes do sexo feminino, nos espaços específicos, nas ruas e praças, não gera nenhum tipo conflito e passa pelos mesmos processos de identificação das *tribos* quanto às outras questões aqui citadas. Neste ponto identificamos a necessidade aprofundamentos nos estudos relacionados ao skate e praticantes do sexo feminino.

1.6 Ideologias políticas, principalmente a simpatia ao Anarquismo, por eles entendidos como uma resistência às normas e às leis civis e criminais. Neste item a segregação é conflitante, pois os comportamentos de depredação dos espaços, sejam eles específico ou não à pratica do skate.

O entendimento de anarquismo por parte de alguns skatista é o “dever” de causar danos aos patrimônios públicos e privados e conseqüentes prejuízos financeiros aos mesmos como forma de protestos ao domínio das classes sociais e econômicas dominantes bem como às corrupções e fraudes pelo poder público.

Esse tipo de atitude é repreendida e discriminada por grande parte dos praticantes de skate, onde os mesmos entendem que esse tipo de comportamento só denigre a imagem do skate perante a sociedade dificultando a relação entre as outras tribos. Tatuagens e vestimentas alusivas ao símbolo do anarquismo é a principal “marca” desses skatistas.

1.7 Condições sociais e econômicas onde possuir equipamentos caros e não andar de ônibus dificultam a aproximação com alguns integrantes das *tribos*.

Se avaliarmos a necessidade de aquisição de um conjunto de equipamentos e acessórios para a prática do skate, não podemos considerá-lo como um esporte democrático, visto que o acesso aos mesmos demanda condições financeiras adequadas. Esse entendimento, por parte dos skatistas, define dentro da *tribo* outras *subtribos* chamadas de “riquinhos”, “mauricinhos”, “playboizinhos”, “almofadinhas” dentre outras nomenclaturas que procuram separar os skatistas que possuem acesso a materiais, equipamentos e acessórios mais caros e

melhores do ponto de vista técnico e mercadológico. Esse item foi observado, em minha pesquisa, quando da identificação de skatistas que buscavam os espaços em dias e horários diferentes de outros skatistas afim de evitar esse tipo de julgamento e possível conflito onde os relatos de hostilidades foram poucos, mas existentes. Chegar ao espaço de carro e não de ônibus já é o suficiente para ser taxado com um dos termos acima citados.

O que me chamou a atenção é que as situações onde as condições sociais e econômicas são ignoradas perpassam pelo uso de drogas que sobrepõe qualquer condição acima citada bem como o interesse em se beneficiar de recursos provenientes dos skatistas mais “abastados” financeiramente. Exemplo claro dessa situação está no uso de câmeras de fotos e vídeos, conhecida como “GoPro” que permite filmar e fotografar ao mesmo tempo com recursos ideais aos esportes dinâmicos. Assim quando um desses equipamentos surge no espaço, rapidamente os interessados se aproximam do proprietário pedindo que faça uma foto ou vídeo de sua manobra ou de sua performance onde a necessidade de criar um vínculo via redes sociais para o envio das imagens e vídeos se faz necessários gerando a criação de uma rede de skatistas que se unem em prol de interesses e conveniências.

Podemos assim dizer que possuir um equipamento de fotos e vídeos facilita a inserção e a aceitação às tribos e demonstra que os atos de segregação antes mencionados desaparecem quando do interesse em algo.

Dentre os espaços pesquisados, os que possuem áreas específicas a pratica de algum tipo de lazer como o “Tancredão”, o Parque Moscoso, a Praça Misael Pena, a Praça Ubaldo Ramalhete e o Parque Municipal Gruta da Onça identifiquei aspectos que permitem analisar o comportamento de seus usuários da seguinte forma:

- (1) dividem-se em grupos identitários, as *tribos*, onde os agrupamentos se dão por identificações de interesses, estilos, preferências bem como a necessidade de proteção e resistência das discriminações oriundas das outras tribos;
- (2) Apesar de dividirem os mesmos espaços, as *tribos* demarcam territórios específicos onde uma fronteira invisível é determinada transformando o espaço

público e democrático em pequenos espaços “privados” caracterizando um tipo de conflito “silencioso”.

(3) Algumas regras de convivência nesses espaços são pré-estabelecidas pelo órgão gestor do mesmo e a presença de profissionais de segurança deixa claro que, além de protegerem o patrimônio, sua presença visa fiscalizar e fazer cumprir as regras. Essas regras, conforme investiguei são estabelecidas por uma equipe que compõem o órgão gestor sem nenhuma consulta às *tribos* que ali freqüentam;

(4) Devido ao “loteamento” dos espaços pelas *tribos*, situações de apropriações em forma de domínio total são freqüentes, onde algumas *tribos* determinam dias e horários, proibidos e permitidos, à utilização das áreas. Isso se dá em forma de imposição e através de sentimento de pertencimento, localismo, territorialismo superior ao de outros usuários. Inclusive dentro da mesma *tribo*, identifiquei essa dinâmica de disputa de poderes;

(5) A ausência de histórico de conflitos declarados ou não, entre as *tribos*, quando comparados aos outros centros utilizados como base em nossa pesquisa, aparentemente se dá por dois motivos: o número pequeno de componentes nas *tribos* e o respeito às regras de “loteamento” dentro dos espaços. Não identifiquei, nesses espaços, algum relato de utilização da força, seja ela da guarda patrimonial existente nos espaços, seja por policiais militares ou guarda civis municipais.

Em nenhum dos espaços identifiquei mecanismos de conscientização do uso coletivo, plural e democrático do espaço. Nem através de meios de comunicação visual nem através de profissionais dos órgãos gestores dos espaços. Ao investigar se existia algum projeto desse tipo junto a estes órgãos, os mesmos alegaram que não era necessário, pois o índice de problemas em relação a essa dinâmica era inexpressivo. A maior preocupação dos órgãos estava na fiscalização e monitoramento constante das depredações e mau uso dos equipamentos dos espaços, situação esta que representava números relevantes de ocorrências, mas que as medidas para tal problema concentravam-se em soluções de fiscalização e uso da força quando necessário.

Nos espaços que não possuíam equipamentos específicos a prática do lazer, principalmente o skate, identifiquei que as cinco situações acima mencionadas ocorrem, mas agora por *tribos* de moradores de rua, comerciantes, taxistas, vendedores ambulantes e moradores próximos aos espaços, onde cada *tribo* se apropria dos espaços de formas diferentes sendo que a *tribo* de moradores de rua entra em constantes conflitos com as demais *tribos* citadas por diversas razões, dentre elas, o sentimento de pertencimento por parte das demais *tribos* que julgam a *tribo* de moradores não serem “donos” do espaço para ali “residirem”, atrapalhando a harmonia do local com seus comportamentos desviantes sob o entendimento da *tribo* dos residentes próximos ao espaço

A falta de equipamentos específicos para o lazer pode ser notada a partir do tipo de pavimento utilizado nesses espaços, onde as pedras portuguesas, o tipo de pavimentação enrugado e danificado dificulta à prática de skate, bicicletas, patins, caminhadas, corridas e diversas outras práticas. Até mesmo um simples carrinho de bebê encontra dificuldade em ser conduzido nesses espaços. Essa falta de estrutura causa um fato limitador às pessoas interessadas na utilização do espaço, tornando-o assim próprio aos outros tipos de apropriações.

Políticas de incentivo à utilização dos espaços pesquisados através da fomentação de eventos culturais, esportivos, religiosos e sociais criariam uma nova dinâmica nesses espaços e contribuiriam para a revitalização e resgate dos mesmos em todos os aspectos, sejam eles históricos, turísticos, políticos, econômicos e sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, MICHEL. **L'invention de la ville.** Paris: Ed. des Archives Contemporaines, 1999.

AGIER, MICHEL. **Antropologia da Cidade.** Trad. Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Ed. Terceiro nome, 2011.

ALLEN, STELA M. **Uso dos equipamentos públicos de esporte e lazer em Praia Grande-SP: Uma contribuição do legado físico dos 71 Jogos Abertos.** 9 Mostra Acadêmica UNIMEP. Ambiente e Sustentabilidade, 2011.

ANDRAE, LUCIANA T. ET AL **Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles.** Cadernos Metrópole, núm. 21, enero-junio, 2009, pp. 131-153 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, Brasil Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=402837805007>.

ANDRADE, REGIS de C. **Kant: a liberdade, o indivíduo e a república.** In: WEFFORT, Francisco C. (org.). *Os clássicos da política.* Volume 2. São Paulo: Ática, 1998.

ANDRÉ, ISABEL ET AL **Inovação urbana, utopia e artes. O bairro de Alvalade em Lisboa.** XIV Coloquio Internacional de Geocrítica Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro Barcelona, 2-7 de mayo de 2016

ANTUNES, HENRIQUE F. **O modo de vida urbano: pensando as metrópoles a partir das obras de Georg Simmel e Louis Wirth.** *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia , consultado o 30 Setembro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/2565> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2565

ARAGAO, PAULA. **Lazer sobre rodas no cartão postal: identidades e socialização no skatepark em Aracaju/SE.** Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física. 293 p. Florianópolis, 2013

ARAUJO, MARCELO DA S. **Estilos e comportamentos juvenis: cultura, espaço urbano e sociabilidades.** Revista Tamoios Ano II. N.2. jul/dez, 2006 ISSN 1980-4490

BAPTISTA, BRUNO M. S. **714 – Praça da Figueira Cultura Juvenil, Quotidiano e Apropriação de Espaço Público.** Tese submetida como

requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa, 2017.

BARBARA, LENIN B. **A vida e as formas da sociologia de Simmel**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 26, n. 2 P.89-107

BARBOSA, THEO de A. M. Q. **Skate de rua e o corpo na cidade: Um estudo de caso a partir do centro da cidade de São Paulo**. Trabalho de graduação individual apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas para obtenção do título de bacharel em Geografia. 58p. São Paulo, 2017.

BAUMAN, ZIGMUNT. **Vidas desperdiçadas**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BECK, ULRICH. **Sociedade de Risco rumo a outra modernidade**. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2010

BECKER, HOWARD S. **Outsiders estudos de sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005

BEDIN, GILMAR A. & KRUGER, CARLOS E. **Os trabalhadores e o papel do descanso, do lazer e do ócio em suas vidas**..XXIV Seminário de Iniciação Científica, UNIJUÍ, 2006.

BENEDET, MICHELLE S. **Apropriação de praças públicas centrais em cidades de pequeno porte**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFSC como requisito parcial à obtenção do grau de mestre. 166p. Florianópolis, 2008.

BETTENCOURT, LUISA C. F. A. **A cidade e a sua morfologia urbana**. MALHA URBANA Nº 10 – 2010

BOES, GUILHERME M. **Entre os espaços e a cidade: a insurgência do skate na experiência urbana contemporânea**. Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PUCRS, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor. 180p. Porto Alegre, 2017.

BOES, GUILHERME M. **Além das ruas: imaginação e espaços da cidade pelo skate**. Gestão e Desenvolvimento, Novo Hamburgo, a. XIII, v. 13, n. 1, p. 45-55, 1º sem. 2016

BOTELHO, TARCISIO, R. **Revitalização de centros urbanos no Brasil: uma análise comparativa das experiências de Vitória, Fortaleza e São Luís**. Revista **eure**(Vol. XXXI, Nº 93), pp. 53-71, Santiago de Chile, agosto 2005

BOURDIEU, PIERRE. **A profissão de sociólogo :preliminares epistemológicas**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. - Petrópolis, RJ : vozes, 1999.

BOURDIEU, PIERRE. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.

BRACHT, VALTER. **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.

BRANDAO, LEONARDO. **Corpos deslizantes, corpos desviantes A prática do skate e suas representações no espaço urbano(1972 – 1989)**.Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), sob a orientação do Professor Doutor João Carlos de Souza. 69p. Dourados, 2006

BRANDAO, LEONARDO. **Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventudeSkatista no brasil**.Recorde: Revista de História de Esporte volume 1, número 2, dezembro de 2008

BRANDAO, LEONARDO. **Histórias esquecidas do esporte**. Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 7, n. 2, p. 13-23, maio/ago. 2009. ISSN: 1983-930.

BRANDAO, LEONARDO. **Um convite ao lazer: o surgimento doSkate através das páginas da revista Pop (1972 – 1979)**.Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 22, p. 37-59, jul./dez. 2010.

BRANDAO, LEONARDO. **Esportes de ação notas para uma pesquisa acadêmica**. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 59-73, setembro 2010

BRANDAO, LEONARDO. **A Cidade e a tribo skatista : juventude, cotidiano e práticas corporais na história cultural**.Dourados : Ed. UFGD, 2011. 160p.

BRANDAO, LEONARDO. **A Cidade e a História dos Jovens: Em busca das Heterotopias**. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 4 n. 7 p. 103-116, jan./jun. 2012

BRANDÃO, LEONARDO. **Da cidade transfigurada à cidade transformada: culturas juvenis e a prática do skate (1970/1980)**.Revista História e Cultura, Franca-SP, v.1, n.2, p.7-20, 2012. ISSN: 2238-6270.

BRANDAO, LEONARDO. **O skate invade as ruas: história e heterotopia**.Revista Rua, Campinas, Número 20 – Volume II, Novembro 2014

BRANDAO, LEONARDO. **História da proibição do skate em Blumenau/SC (1999-2007)**. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 724-743, maio-ago. 2016

BRANDAO, LEONARDO. **A década de 1980 e o desenvolvimento do skate vertical.** Recorde, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-28, jul./dez. 2017

BRITTO, Eduardo (Org.). **A onda dura: 3 Décadas de Skate no Brasil.** São Paulo: Parada Inglesa, 2000.

BRONDANI, ANA C. **Coletivizando testemunho: das invisibilidades das trincheiras à criação de um corpo sensível.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Psicologia – Habilitação Psicólogo- do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015

BRUM et al. **Caracterização dos espaços públicos de lazer e a satisfação dos usuários na área central de Santa Maria – RS** v(10), nº 10, p. 2130-2139, JAN-ABR, 2013. Rev. Elet. em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental (e-ISSN: 2236-1170)

CALDEIRA, TERESA P; do RIO. **Novas visibilidades e configurações do espacopublico em Sao Paulo.** NOVOS ESTUDOS 94, NOVEMBRO. 2012

CALIXTO, DOUGLAS. RESENHA: MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998

CAMARA, HIONNE M. da S. **Resenha a sociologia do lazer (Stanley Parker)** Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN), Mossoró/RN, vol. 4, n. 2, jul./dez. 2015 <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo> [ISSN 2316-1493] P.121-131

CAMPOLINA, RODRIGO F. **Um estudo etnográfico sobre a subcultura de consumo do skate longboarde seu sistema de valores.** Monografia apresentada ao Departamento de Administração como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Administração. 84p. Brasília, 2017

CARMO, GONCALO C. M. do. **Introdução aos estudos do lazer.** HELOISA TURINI BRUHNS (ORG.). CONEXÕES: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 p. 160-176, dez. 1999. ISSN: 1983-930

CARRANO, PAULO C. R. **Angra de tantos reis: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação. 460 p. Niteroi, 1999

CERQUEIRA, YASMINIE, M. S. F. **Espaço público e sociabilidade urbana Apropriações e significados dos espaços públicos na cidade contemporânea.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre. 122P. Natal, 2013

COELHO, PEDRO C. R. **O skate na cultura corporal de movimento: aspectos evolutivos e sociais.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Rio Claro, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física. 36 p. Rio Claro, 2015

CONNOLLY, JAMES J. **The Legacies of Middletown.** INDIANA MAGAZINE OF HISTORY, 101 (September 2005) 0 2005, Trustees of Inbna University.

COSTA, ROBERTA G. & PRADO, PATRICIA do. **POLÍTICAS PÚBLICAS DE LAZER NA CIDADE DE CATALÃO (GO): A CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO**

DEMO, PEDRO. **METODOLOGIA CIENTIFICA EM CIENCIAS SOCIAIS.** 3 ed. São Paulo: Editor Atlas S/A, 1995.

DESCOLA, PHILIPPE. **OUTRAS NATUREZAS, OUTRAS CULTURAS.** CONFERÊNCIA PRONUNCIADA EM 3 DE FEVEREIRO DE 2007 NO TEATRO DE MONTREUIL, NOS ARREDORES DE PARIS.

DIAS, ANTONIO T. C. et al. **RELAÇÕES DE USO E CONFORTO AMBIENTAL DO PARQUE CÉLIA SANTIAGO NÓBREGA, JOÃO PESSOA - PARAÍBA – BRASIL**

DIAS, GIUSLAINE DE O. **Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural.** Dissertação apresentada para o curso de Ciências Sociais com habilitação em Sociologia – Bacharelado da Universidade de Brasília. 190p. Brasília, 2011

DUMAZEDIER, JOFFRE. **SOCIOLOGIA EMPÍRICA DO LAZER.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1979.

ESPINDULA, BRENDA (Org.). **Políticas de esporte para a juventude: contribuições para debate.** 1. ed. -- São Paulo : Centro de Estudos e Memória da Juventude : Instituto Pensarte, 2009.

FERIANI, DANIELA. **Lançando-se a skates e abismos: como abrir a antropologia para outras grafias.** Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 60 n. 1: 328-335 | USP, 2017

FERREIRA, JOAO S. W. **Resenha do livro “A cidade do pensamento único: desmanchando consenso”, de Otília Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato.** Revista da Pós FAU e Correio da Cidadania, no. 217. 28/10 a 4/11 de 2000

FERREIRA, VINICIUS. **ANDAR DE SKATE NÃO É CRIME: A HISTÓRIA DE UM PROTESTO SOBRE RODAS.** VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTORIA. Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3551 p. 2785 – 2793.

FONSECA, VICTOR. **O LAZER NAS SOCIEDADES DE CONTROLE.** Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, da Universidade Federal de

Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Ciência do Movimento Humano. 47p. Santa Maria, 2005.

FONTES, ADRIANA S. O *Skateboarding* como intervenção: apropriação temporária e identidade no centro de Barcelona. VIRUS, São Carlos, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus04/?sec=4&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 14 DE JUNHO DE 2018

FOUCAULT, MICHEL. DE OUTROS ESPAÇOS. Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967.

FOUCAULT, MICHEL. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. 2.ed. Org. Manoel Barros da Motta Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2009

FRANÇA, JESSICA P. Espaços públicos de lazer e cidade Desdobramentos em Belém-PA, o caso orla portal da Amazônia. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Arquitetura e Urbanismo.. 363P. São Carlos, 2018

FREIRE, ANA L. O. & SARTORIO, FERNANDO, D. V. URBANIZAÇÃO E LAZER: ASPECTOS DO PROCESSO HISTÓRICO DA CRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS EM VITÓRIA (ES). Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia UFES Janeiro-Julho, 2015 ISSN 2175 -3709 Páginas de 42 a 57

FREITAS, HELOISA H. et al. SKATE SOCIABILIDADE E CONSUMOS NO LAZER: A PERCEPÇÃO DO LÍCITO E ILÍCITO. Revista Licere, Belo Horizonte, v.19, n.1, mar/2016

GARCIA, LUCIANA C. P. et al. TRIBOS DA ORLA. Anais do V Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte. | UIVALI – Itajaí– SC 23 a 25 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/vcsbce/vcsbce/schedConf/resentations>

GATTI, LUCIANNIO. A composição da experiência em *Paranoid Park* de Gus van Sant. Viso - Cadernos de estética aplicada Revista eletrônica de estética ISSN 1981-4062 Nº 6, jan-jun/2009. <http://www.revistaviso.com.br/>

GEERTZ, CLIFFORD, A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GIL, ANTONIO C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002

GOMES, CARINA S. Viver no centro da cidade: Práticas, discursos e representações sobre a Baixa de Coimbra. Oficina do CES n.280. Jul. p.1-36. Universidade de Coimbra, 2007.

GOMES, CARINA S. Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada, *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 83 | 2008, colocado online no dia 01 Dezembro 2012, criado a 30 Setembro 2016. URL : <http://rccs.revues.org/448> ; DOI : 10.4000/rccs.448

GOMES, CHRISTIANNE L. & MELO, VICTOR ANDRADE de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. *Revista Movimento Porto Alegre*, v. 9, n. 1, p. 23-44, janeiro/abril de 2003

GOMES, CHRISTIANNE L. Verbete Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne L. (Org.). ***Dicionário Crítico do Lazer***. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.

GUELATTI, YACINE. Os jovens em seu bairro. Efeitos de bairro e sociabilidades juvenis no município de Águas Lindas de Goiás. 18º Congresso Brasileiro de Sociologia 26 a 29 de julho de 2017, Brasília (DF) GT 5: As cidades no século XXI. Brasília, 2017

HONORATO, TONY. IDENTIDADE ASSINADA NO PÉ. 1º ENCONTRO DA ALESDE “Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas” UFPR - Curitiba - Paraná – Brasil

HONORATO, TONY. UMA HISTÓRIA DO SKATE NO BRASIL: DO LAZER À ESPORTIVIZAÇÃO .Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

HONORATO, TONY. A TRIBO SKATISTA E A INSTITUIÇÃO ESCOLAR: O PODER ESCOLAR EM UMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA. Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. 214p. PIRACICABA, 2005

HUIZINGA, JOHAN. HOMO LUDENS. 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva S/A, 2000.

JERONIMO, ROSA N. et al. Processo psicossocial de apropriação pelos frequentadores da Praça Henrique Lage em Imbituba – SC. *Revista de Ciências HUMANAS*, Florianópolis, v. 50, n. 1, p. 149-165, jan-jun 2016

KANT: a liberdade, o indivíduo e a república (Regis de Castro Andrade). *Os Clássicos da Política – Volume 2 – Org.: Francisco C. Weffort*

KITANI, GIZELE de M. Lazer em espaços público Estudo de Caso: São Paulo. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANO SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO CELACC

LAFARGUE, PAUL. O DIREITO A PREGUIÇA. Fonte Digital RocketEdition, 1999.

LAPLANTINE, FRANCOIS. APRENDER ANTROPOLOGIA. Trad. Marie-Agnes Chauvel. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LEAO JR., CLEBER M. ET AL. LAZER VIRTUAL: PERFIL DOS JOGADORES DE JOGOS ELETRÔNICOS DISPONIVEL EM www.cleberjunior.com.br

LEMOS, MAURO R. DO MUNDO PARA CÁ: A FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE TRIBOS URBANAS EM BAGÉ.

LEFEBVRE, HENRI. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd.Paris: ÉditionsAnthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006

LOPES, ANTONIO M. Os Espaços Públicos (de Lazer) na Cidade: Emergência de Novas Práticas e Vocações Territoriais. **a Página da Educação** www.apagina.pt

LUCHINI, MARIA O. & MERLIN, JOSE R. DIFERENTES ESCALAS NOS ENCONTROS PÚBLICOS EM ESPAÇOS URBANOS. *Anais do XIX Encontro de Iniciação Científica – ISSN 1982-0178 Anais do IV Encontro de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – ISSN 2237-0420*

LUZ, GIORDANA M. & KUHNEN, ARIANE. O Uso dos Espaços Urbanos pelas Crianças: Explorando o Comportamento do Brincar em Praças Públicas Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 26, núm. 3, 2013, pp. 552-560 Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil

MACHADO, GIANCARLO, M . C. De “carrinho” pela cidade: A prática do *street skate* em São Paulo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social. São Paulo, 2011.

MACHADO, GIANCARLO, M. C. De skate pela cidade: quando o importante é (não) competir. Cadernos de campo, São Paulo, n. 21, p. 1-360, 2012

MACHADO, GIANCARLO, M. C. Dilemas em torno da prática do *street skate* em São Paulo. Esporte e Sociedade ano 7. n.19, março/2012

MACHADO, GIANCARLO M. C. Praça Roosevelt: sociabilidade e conflitos em um pedaço skatista da cidade de São Paulo. Periferia, revista de pesquisa i formacióen antropologia Número 19 (1), Juny 2014 revistes.uab.cat/periferia

MACHADO, GIANCARLO, M. C. “As ruas são nossas”: apropriações urbanas a partir da prática do skate. Seminário FESPSP “São Paulo: a cidade e seus desafios” 05 a 09 de outubro de 2015 GT1 – Antropologia Urbana

MACHADO, GIANCARLO M. C. Skate na cidade, imagens da cidade notas etnográficas sobre a conquista de picos. Ponto Urbe [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 Julho 2012, consultado o 01 Outubro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/305> ; DOI : 10.4000/pontourbe.305

MACHADO, GIANCARLO M. C. A cidade dos picos a prática do skate e os desafios da cidadindade. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Antropologia Social. 345p. São Paulo, 2017

MAFFESOLI, MICHEL. O TEMPOS DAS TRIBOS: O DECLINIO DO INDIVIDUALISMO NAS SOCIEDADES DE MASSA. 2 ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGALHAES, LILIANNE S. Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no espaço urbano de São Paulo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de mestre em educação. São Paulo, 2008.

MAGNANI, JOSE G. C. FESTA NO PEDAÇO CULTURA POPULARE LAZER NA CIDADE. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1984.

MAGNANI, JOSÉ G. C. QUANDO O CAMPO É A CIDADE: FAZENDO ANTROPOLOGIA NA METRÓPOLE. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MARANHO, MARIANA C. & OLIVEIRA JR., CONSTANTINO RIBEIRO De. O lazer no contexto do espaço público: algumas aproximações. *EFDeportes.com, Revista Digital*. Buenos Aires - Año 21 - N° 216 - Mayo de 2016. <http://www.efdeportes.com/>

MARCELLINO, NELSON C. et al. As Cidades e o Acesso aos Espaços e Equipamentos de Lazer. *Impulso*, Piracicaba, 17(44): 55-66, 2006

MARCELLINO, NELSON C. RESENHA: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.) *Jovens na Metrópole: Etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARCELLINO, NELSON C. et al Lazer, cultura e patrimônio ambiental urbano - políticas públicas: os casos de Campinas e Piracicaba-SP. Curitiba: OPUS, 2007.

MARCELLINO, NELSON C. & NASCIMENTO, RENATA M. do. POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE HERBERT MARCUSE AOS ESTUDOS SOBRE O LAZER. *Revista Corpoconsciência*, Santo André, vol. 16, n. 2, p. 27-35, jul/dez 2012

MARCHETTI, ELOISA. Coletivos urbanos: novas experiências na cidade. Salão UFRGS 2015: SIC - XXVII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS. Porto Alegre, 2015

MARINHO, ALCYANE. LAZER, NATUREZA E AVENTURA: COMPARTILHANDO EMOÇÕES E COMPROMISSOS. Rev. Bras. Cienc. Esporte, v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001

MATOS, FATIMA L. ESPAÇOS PÚBLICOS E QUALIDADE DE VIDA NAS CIDADES - O CASO DA CIDADE PORTO OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.2, n.4, p.17-33, jul. 2010.

MAYA, PAULO V. R. Trabalho e tempo livre uma abordagem crítica. In JACQUES, MGC., et al. org. *Relações sociais e ética* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 31-47. ISBN: 978-85-99662-89-2. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>

MENDONÇA, ENEIDA M. S. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos.** Professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo

MENEZES, NUNO M. P. Filhos do Betão 30 Anos de skate em Portugal; Skate, identidade e subculturas juvenis em espaço urbano. Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Imagem e Comunicação. Departamento de Antropologia. ISCTE – IUL Instituto Universitário de Lisboa. 111p. Lisboa, 2010.

MENOIA, THELMA R. M. LAZER: história, conceitos e Definições. Monografia apresentada ao Professor Doutor Gustavo da Universidade Estadual de Campinas, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Recreação e Lazer, sob a orientação do Professor Doutor Gustavo. 22p. Campinas, 2000.

MEZZAROBA, CRISTIANO ET AL. DOS EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER AO PROBLEMA DA ACESSIBILIDADE NA ORLA DE ATALAIA: uma questão de política pública! <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2012v24n39p35> Motrivivência Ano XXIV, Nº 39, P. 35-56 Dez./2012

MILL, JOHN S. PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA Com Algumas de suas Aplicações à Filosofia Social. Vol. 1 Trad. Luiz João Baraúna. São Paulo: Ed. Nova Cultural LTDA, 1996.

MILLS, CHARLES, W. A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1982.

NARCISO, CARLA A. F. Espaço público: acção política e práticas de apropriação. Conceito e procedências. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Lisboa, Portugal

NEIRA, MARCOS G. ETNOGRAFANDO A PRÁTICA DO SKATE: ELEMENTOS PARA O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Revista Contemporânea de Educação, vol. 9, n. 18, julho/dezembro de 2014

NEUBERT, LUIZ F. Indivíduo, liberdade e lazer na Modernidade. Soc. e Cult., Goiânia, v. 13, n. 2, p. 277-285, jul./dez. 2010.

NEVES, VIVIANE F. et al. O LAZER NO COTIDIANO DA CIDADE. Iniciação Científica CESUMAR jul.dez., 2004 Vol. 6 n.02 , pp104-111

NICOLAU, ARLEY F. S. NAS ONDAS DA CIDADE: UM ESTUDO SOBRE O CORPO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO NA PRÁTICA DO SKATE. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharel em Educação Física. 27p. Rio Claro, 2010.

NODA, LUANA, M.& PIMENTEL, GIULIANO, G. de A. CARACTERIZAÇÃO DA PRÁTICA ESPORTIVA/RECREATIVA DO SKATE EM SÃO PAULO, PARANÁ E RIO GRANDE DO SUL. Revista Licere, Belo Horizonte, v.18, n.4, dez/2015

NORMA R. T. PARQUE DAS MACADAMIAS ESPAÇO PÚBLICO PARA A CIDADE DE DOIS CORREGOS. TFG 2010 MARIANA RAQUEL FEDATO – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO – CAMPUS BAURU. São Paulo, 2010.

OLIC, MAURICIO B. Entre o liso e o estriado: skatistas na metrópole. Dissertação apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Dorothea VoegeliPasseti. 172P. São Paulo, 2010

OLIC, MAURICIO B. Reciprocidade em deslize: Aliança e *localismo* em pistas de skate. Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar, v.4, n.1, jan.-jun., p.87-114, 2012

OLIC, MAURICIO B. Das ruas para os Jogos Olímpicos? Dinâmicas em torno da prática do skate. Campos 15(1):P.75-96, 2014

OLIC, MAURICIO B. "De quebrada para quebrada": por uma nova cartografia dos skatistas na metrópole. *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 31 Julho 2008, consultado o 04 Outubro 2016. URL: <http://pontourbe.revues.org/1802>; DOI:10.4000/pontourbe.1802

OLIVEIRA, CLAUDETE S. ESCREVO-TE ESTAS MAL TRAÇADAS LINHAS A ESCOLA E O TRABALHO NAS CARTAS DOS JOVENS DA CADEIA PRODUTIVA DO SKATE. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. 194p. Porto Alegre, 2009

OLIVEIRA, JOAO, M. S. F. & NASCIMENTO, LUIS, C. do. CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS CIDADINOS: A PERSPECTIVA DO EMPODERAMENTO SOCIAL. Iniciação Científica CESUMAR - jan./jun. 2014, v. 16, n. 1, p. 19-27 - ISSN 1518-1243

OLIVEIRA, JOSE T de. HISTORIA DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO. 3 ed. Coleção Canaã. Vol.8. SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA e SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Vitória, 2008.

OLIVEIRA, SERGIO M. de. PAISAGISMO E AS CENTRALIDADES URBANAS. Paisagem Ambiente: ensaios - n. 20 - São Paulo - p. 61 - 83 – 2005

OLIVEIRA, MARIA C. S. L. de. et al. Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. Temas em Psicologia da SBP—2003, Vol. 11, no 1, 61-75. ISSN 1413-389X

OLIVEN, RUBEN G. A ANTROPOLOGIA DE GRUPOS URBANOS. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PAIXAO, JAIRO A. PRÁTICAS AVENTUREIRAS DE SKATISTAS EM ESPAÇOS URBANOS RESSIGNIFICADOS. REVISTA Licere, Belo Horizonte, v.17, n.2, jun/2014

PARK, ROBERT E. et al. The City. The University of Chicago Press, 1992.

PARKER, Stanley R. A sociologia do lazer. Resenha de: CÂMARA, Hionne Mara da Silva. A sociologia do lazer (Stanley Parker). Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN), Mossoró/RN, vol. 4, n. 2, p. 121-131, jul./dez. 2015.

PAVAO, LUNA C. MAGNANI, JOSÉ GUILHERME CANTOR & SOUZA, BRUNA MANTESE DE (Orgs). Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 279 p. Revista de Antropologia da UFSCar, v.4, n.2, jul.-dez., p.219-223, 2012.

PEIXOTO, ELZA M. de M. Os estudos do lazer no Brasil – apropriação da obra de Marx e Engels. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 14, n. 03, p. 87-116, setembro/dezembro de 2008.

PELLEGRIN, ANA de. OS CONTRASTES DO AMBIENTE URBANO: espaço vazio e espaço de lazer. Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração "Estudos do Lazer". Campinas, 1999.

PEREIRA, ALEXANDRE. *De rolê pela cidade: os pixadores em São Paulo*. Mestrado defendido no Departamento de Antropologia Social da USP, 2005.

PEREIRA, DIMITRI W. et al ESPORTES RADICAIS NO MEIO AMBIENTE URBANO NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 15, n. 1, p. 83-92, jan./jun. 2017

PEREIRA, JULIO G. de S. RELAÇÕES COM O SKATISMO EM FLORIANÓPOLIS-SC: um estudo sobre a formação do *campo* e do *habitus*. Dissertação de mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do título de Mestre em Educação. 165 p. Florianópolis, 2016

PEREIRA, LEANDRO W. SKATISTAS: POR QUE PRATICAM O SKATE?. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso 2, do Curso de Bacharelado em Educação Física, do Departamento Acadêmico de Educação Física – DAEFI – da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, como requisito parcial para o título de Bacharel. 63p. Curitiba, 2013

PETERS, PAULO M. MAR DE ASFALTO: A PISTA DE SKATE DA ERMIDA DOM BOSCO. Dissertação apresentada para o curso de Ciências Sociais com habilitação em Antropologia – Bacharelado da Universidade de Brasília. 73p. Brasília, 2009

PIMENTEL, GIULIANO G. de A. O passivo do lazer ativo. Revista Movimento, vol. 18, núm. 3, julio-septiembre, 2012, pp. 299-316 Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil

QUEIROZ, TEREZA C. da N. FRAGMENTAÇÃO URBANA E SOCIABILIDADE JUVENIL EM JOÃO PESSOA: O skate e o hip-hop. Estudos de Sociologia. Rev. do Prog. de Pós-graduação em Sociologia da UFPE. v. 7. n. 1.2. p. 127-148

RAMPAZZO, MARCELO. SKATE, UMA PRÁTICA NO LAZER DA JUVENTUDE: Um estudo etnográfico. Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano. 128p. Porto Alegre, 2012

RAMPAZZO, MARCELO & STIGGER, MARCO P. Jovens praticantes de skate e seu cotidiano. Motrivivência v. 28, n. 48, p. 207-221, setembro/2016. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p207>

RECHIA, SIMONE et al. LAZER E CIDADE: EM FOCO A PRAÇA DO GAÚCHO EM CURITIBA. Revista Licere, Belo Horizonte, v.14, n.3, set/2011

RIESMAN, DAVID et al. The Lonely Crowd. Printed in the United States of America by Vail-Ballou Press, Inc., Binghamton, New York, 1961

ROCKENFELLER, SEBASTIAN. Sport als Medium der Entwicklungszusammenarbeit. Auszug aus der Diplomarbeit von Sebastian Rockenfeller, 2009. <http://www.sportanddev.org/newsviews/search.cfm?uNewsID=1196>

ROLNIK, RAQUEL. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000

ROSCOCHE, LUIZ F. TRABALHO, LAZER E RELIGIÃO: UMA APROXIMAÇÃO. Revista Licere, Belo Horizonte, v.19, n.2, jun/2016

SALGUEIRO, TERESA, B. GEOGRAFIA URBANA DE BARCELONA. Finisterra, XXIX, 57, 1994. P.171-175

SALGUEIRO, TERESA B. DESENVOLVIMENTO URBANO DE LISBOA. Revista de Estudos Regionais Região de Lisboa e Vale do Tejo p. 7-22, 2 sem, 2002.

SALGUEIRO, TERESA B. OPORTUNIDADES E TRANSFORMAÇÃO NA CIDADE CENTRO. *Finisterra*, XLI, 81, 2006, pp. 9-32

SANTOS, ANA C. M. F. dos & MANOLESCU, FRIEDHILDE M. K. A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO PARA O LAZER EM UMA CIDADE. XII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VIII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba

SANTOS, LEANDRO C. M. dos. et al. PRAÇAS E PARQUES DA MICRORREGIÃO 12 DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP – ESTUDO DE CASO. *Colloquium Socialis*, Presidente Prudente, v. 01, n. Especial, p.683-687 jan/abr 2017. DOI: 10.5747/cs.2017.v01.nesp.s0107

SANTOS, MARIA A. dos. É NO CHÃO DA PRAÇA: ATIVISMOS POLÍTICOS E ESPAÇO PÚBLICO NA PRAÇA DA CRUZ GRANDE/JUVENTUDE – SERRINHA/FORTALEZA. Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS 27 a 29 de abril de 2016 Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS Universidade Federal de Sergipe – UFS

SANTOS, PRISCILA M. dos & MARINHO, ALCYANE. CONTEÚDOS CULTURAIS DO LAZER E PARTICIPAÇÃO MASCULINA EM GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS DE FLORIANÓPOLIS (SC). REVISTA Licere, Belo Horizonte, v.18, n.4, dez/2015.

SARAVI, JORGE R. SKATE, VARONES Y MUJERES EN EL ESPACIO PÚBLICO DE LA CIUDAD DE LA PLATA. ALGUNOS APORTES PARA PENSAR LAS NUEVAS PRÁCTICAS DEPORTIVAS DESDE LA PERSPECTIVA DE GÉNERO. Revista da ALESDE, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 44-53, outubro 2012

SARTORI, GIOVANNI. A TEORIA DA DEMOCRACIA REVISITADA. Vol II. São Paulo: Ed. Atica S.A., 1994

SCHULZ, MARKUS S. Debatendo futuros: tendências globais, visões alternativas e discurso público. Trad. Alexandre Pinheiro Ramos. *sociologia&antropologia* | rio de janeiro, v.04.01: 71 – 95, junho, 2014

SCHWARTZ, GISELE M. O CONTEUDO VIRTUAL DO LAZER: CONTEMPORIZANDO DUMAZEDIER. Revista Licere, v.6. n.2, p-23-31. Belo Horizonte, 2003

SCOPEL, ALLANA J. S. G. A APROPRIAÇÃO DO PARQUE DA JUVENTUDE PELOS SKATISTAS. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Belo Horizonte, 2014

SESC. REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO / maio 2016

SILVA, ALINE M. da. ATRATIVIDADE E DINÂMICA DE APROPRIAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS PARA O LAZER E TURISMO. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Planejamento Urbano e Regional 250p. Porto Alegre, 2009

SILVA, DANIEL R. da. Conflito na praça: embate entre moradores e skatistas sobre os usos da Praça Roosevelt na capital paulistana. II COLÓQUIO SEMIÓTICA DAS MÍDIAS • ISSN 2317-9147. Alagoas, 2013

SILVA, DANIEL R. da. MUDIATIZAÇÃO DA PRAÇA ROOSEVELT: ESPAÇO URBANO, SKATE, CONFLITO E NOVAS TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. 179P. Brasília, 2015.

SILVA, IGOR J. O. da et al Atividade física: espaços e condições ambientais para sua prática em uma capital brasileira. **R. Bras. Ci. e Mov.** 2014; 22(3): 53-62

SILVA, JEFFIRSON R. da. & LUDUVICE, PAULO V. S. S. LAZER E AS CONTRADIÇÕES SÓCIO-HISTÓRICAS DO MUNDO DO TRABALHO. Motrivivência Ano XXIV, Nº 38, P. 262-278 Jun./2012. <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2012v24n38p270>.

SILVA, JULIO C. F. RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE ENTRE PRATICANTES DE SKATE: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CONTEXTO DA PRÁTICA NA PRAÇA ROOSEVELT DE SÃO PAULO-SP. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Produção e Política Cultural da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Produção e Política Cultural. 64p. Jaguarão, 2017

SILVA, VINICIUS F. G. da. & FARJALLA, RENATO. A PERSPECTIVA FILOSÓFICA DO CONCEITO DE LAZER NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. Revista Licere, Belo Horizonte, v.10, n.3, dez./2007

SILVESTRE, BRUNO M. & AMARAL, SILVIA C. F. TRABALHO ESTRANHADO, LAZER ESTRANHADO? REFLEXÕES ACERCA DO ESTRANHAMENTO DO

TRABALHO SOBRE O LAZER. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 67-81, set./dez. 2015. ISSN (eletrônico): 2358-1239

SIMMEL, GEORG. A METROPOLE E A VIDA MENTAL In: VELHO, OTAVIO, G.(Org). O fenômeno Urbano. 2.ed. p.11-25. Rio de Janeiro: Zahar Editores 1973.

SIMMEL, G., A natureza sociológica do conflito in: Moraes Filho, Evaristo (org.), São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, GEORG. AS GRANDES CIDADES E A VIDA DO ESPÍRITO(1903). MANA 11(2):577-591, 2005

SIMMEL, GEORG. AS GRANDES CIDADES E A VIDA DO ESPIRITO (1903). Trad. Artur Morao. Universidade da Beira Interior. LusoSofia:Press. Covilhã, 2009

SOUSA, HELENA, S. M.de & FONSECA, PAULA. As Tribos Urbanas de Ontem até As de Hoje. NASCER E CRESCER revista do hospital de crianças maria pia ano 2009, vol XVIII, n.º 3

SOUZA, JULIANO de & STAREPRAVO, FERNANDO A. A SOCIOLOGIA CONFIGURACIONAL DE NORBERT ELIAS – POTENCIALIDADES E CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO ESPORTE. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 429-445, abril/junho 2014.

SOUSA, ROBERTA L. de Q. & ANTUNES, MARINA F. de S. OS ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER PARA A PRÁTICA ESPORTIVA: MAPEANDO A CIDADE DE UBERLÂNDIA – MG. VIII Encontro Interno e XII Seminário de Iniciação Científica. Universidade Federal de Uberlândia Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Uberlândia, 2008.

STABELINI, JULIO C. O SKATE NA PRÁTICA: ETNOGRAFIA VISUAL, HABILIDADES E *AFFORDANCES* EM UM CIRCUITO URBANO. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Antropologia Social. 125p. Florianópolis, 2016

TAVARES, OTAVIO et al. ESPORTE, OLIMPISMO E MEIO AMBIENTE: VISÕES INTERNACIONAIS. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.

TAVARES, OTAVIO et al. O TERRITÓRIO OCUPADO – MAPEANDO AS PRÁTICAS CORPORAIS NA ORLA DE VITÓRIA (ES). Anais do XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Ago, 2013. ISSN 2175-5930.

TEIXEIRA, JULIANA C. SKATE *STREET* E DEVIRES MINORITÁRIOS (DES)TERRITÓRIOS DO SUJEITO SKATISTA. 1 Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X

TEIXEIRA, JULIANA C. & SILVA, MERI R. S. da. SKATISTAS CORRENDO PELO CERTO NORMALIZAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA

CONTEMPORANEIDADE. Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 2., p. 559-574, abr./jun. de 2017.

TONUCCI FILHO, JOAO B. M.. O direito à cidade na urbanização planetária, ou: Henri Lefebvre por uma nova cidadania urbana. In: COSTA, Geraldo M.; COSTA, Heloisa S. M.; MONTE-MÓR, Roberto L. de M. (Orgs.). *Teorias e práticas urbanas: condições para a sociedade urbana*. 1. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2015. v. 1. 556p.

TORRES, MONALISA L. et al. Diálogo entre Tocqueville e Weber em torno da democracia, da racionalidade e da religião nas origens dos EUA. Revista Ensaio, Vol.10, janeiro – junho de 2017. ISSN 2175-0564

TREVISAN, CAMILA O. Espaço Público – Espaço Privado: reflexões sobre o espaço urbanoMetropolitano.

UVINHA, RICARDO R. LAZER NA ADOLESCÊNCIA: uma análise sobre os skatistas do ABC paulista. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, na área de concentração Estudos do Lazer. 175p. Campinas, 1997.

VALADARES, LÍCIA do P. A VISITA DO ROBERT PARK AO BRASIL, O “HOMEM MARGINAL” E A BAHIA COMO LABORATÓRIO. CADERNO CRH, Salvador, v. 23, n. 58, p. 35-49, Jan./Abr. 2010

VASCONCELOS, PEDRO DE A. AS METAMORFOSES DO CONCEITO DE CIDADE. Mercator, Fortaleza, v. 14, n. 4, Número Especial, p. 17-23, dez. 2015. ISSN 1984-2201

VEBLEN, THORSTEIN. THE THEORY OF LEISURE CLASS. NEW YORK: B.W. HUEBSCH, 1918.

VELHO, OTAVIO G. (Org). O FENOMENO URBANO. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1967

VELOZO, EMERSON L. & DAOLIO, JOCIMAR. O SKATE COMO PRÁTICA CORPORAL E AS RELAÇÕES DE IDENTIDADE NA CULTURA JUVENIL. REVISTA IBEROAMERICANA DE EDUCACIÓN. N.º 62 (2013), pp. 217-231 (1022-6508) - OEI/CAEU

VIEGAS, CINTIA C. L. et al. Um Oásis Urbano: Dois Estudos das Interações Pessoa-Ambiente na Praça Kalina Maia, Natal/RN. Dossiê: PSICOLOGIA AMBIENTAL Espaços Abertos, Ambientes Naturais e Construídos. v. 45, n. 3, pp. 305-315, jul.-set. 2014

YAMASHITA, KELLY Y. Praça Roosevelt, centro de São Paulo: intervenções urbanas e práticas culturais contemporâneas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre. 388p. São Carlos, 2013

WHYTE, WILLIAN F. Sociedade de Esquina[Street Corner Society]A estrutura social de uma area urbanapobre e degradada. Trad. Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

ZATTAR, NEUZA. CALÇADAS: ESPAÇOS PUBLICOS OU PRIVADOS? Línguas e instrumentos linguisticos 23/24 / Campinas: Capes-Procad - Universidade Estadual de Campinas; Editora RG, 2011 P.73-82